

CRISTIANE KRUG DE ASSIS

**SENTENÇAS CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto

FLORIANÓPOLIS

Fevereiro de 2001

Dissertação julgada adequada para a obtenção do grau de

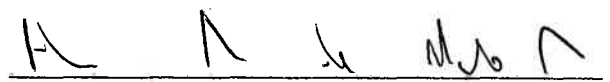
MESTRE EM LINGÜÍSTICA

área de Teoria e Análise Lingüística,


linha de pesquisa em estrutura sentencial.

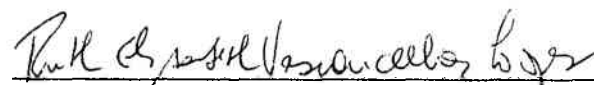
Aprovada em sua forma final pelo
programa de Pós-graduação em Lingüística da
Universidade Federal de Santa Catarina

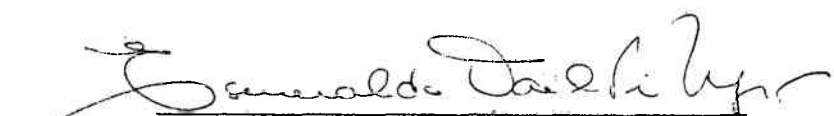
Coordenador do CPGLg


Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

Banca Examinadora


Prof. Dr. Carlos Mioto - UFSC
orientador


Prof.ª Dr.ª Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes -
UFSC


Prof.ª Dr.ª Esmeralda Vailati Negrão - USP

Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Figueiredo Silva -
UFSC

CRISTIANE KRUG DE ASSIS

**SENTENÇAS CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada à Coordenação de Pós-Graduação de Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto

FLORIANÓPOLIS

Fevereiro de 2001

Ao meu filho, Guga

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Miotto, pela dedicação, paciência e constante incentivo.

À Prof^a. Dr^a. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes, por ter me apresentado a Teoria Gerativa:

Ao Prof. Dr. Sérgio Menuzzi, pela gentileza no fornecimento de dados que em muito nos auxiliaram nesta dissertação.

À minha mãe, por tudo.

À minha irmã Regina e sobrinha Giane, sempre prontas a ajudar nos momentos mais difíceis.

Ao Márcio, pela presença constante, pela tolerância e pelo apoio nos momentos de incerteza.

Aos amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

Resumo	i
Abstract	ii
Introdução	1
Capítulo 1: CLIVAGEM: DESCRIÇÃO	3
1.1. Introdução	3
1.2. Sentenças Clivadas	3
1.2.1. Descrição	3
1.2.2. Interpretação Semântica	5
1.3. Sentenças Pseudo-clivadas	13
1.3.1. Descrição	13
1.3.2. Interpretação Semântica	15
1.4. Resumo	19
Capítulo 2: ANÁLISES	21
2.1. Introdução	21
2.2. Akmajian (1970)	21
2.3. Emonds (1976)	23
2.4. Prince (1978)	24
2.5. Modesto (1995)	25
2.5.1. A estrutura das PCLs	27
2.5.2. A estrutura das CLs	30
2.6. Boskovic (1997)	33
2.6.1. A análise para as PCLs ESPs	35
2.6.2. A análise para as PCLs PREDs	37

2.7. Kiss (1998, 1999)	40
Capítulo 3: AS CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS NO PB	45
3.1. Introdução	45
3.2. As clivadas no PB	45
3.2.1. Interpretação Semântica	45
3.2.2. Estrutura Sintática	46
3.2.2.1. Concordância	46
3.2.2.2. Tempo	47
3.2.2.3. Alternância <i>que/quem</i>	49
3.2.2.4. Efeito de conectividade	50
3.2.2.5. Restrições para clivagem	51
3.2.3. Análise	52
3.3. As Pseudo-clivadas no PB	57
3.3.1. Interpretação Semântica	57
3.3.2. Estrutura Sintática: Análise	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar o comportamento sintático das sentenças clivadas e pseudo-clivadas do português brasileiro a partir da Teoria Gerativa. A análise das clivadas sugere que esta construção é a realização de uma projeção funcional chamada *Focus Phrase* (FP), com o constituinte clivado ocupando Spec FP. A análise das pseudo-clivadas nos permitiu verificar que para dar conta de fenômenos como o efeito de conectividade que somente acontece em pseudo-clivadas especificacionais é sugerido que nesta leitura o constituinte clivado se move em LF para a sentença Wh. Este movimento pode dar conta não somente do efeito de conectividade, como também de muitas outras propriedades das pseudoclivadas, incluindo as diferenças entre pseudoclivadas especificacionais e predicacionais.

ABSTRACT

The following paper consists on the description and analysis of the syntactic and semantic properties of the clefts and pseudoclefts constructions in Brazilian Portuguese based on the Generative Theory. The analysis of the clefts suggests that this construction is the realization of a Focus Projection (FP), with the cleft constituent occupying Spec FP. The analysis of the pseudoclefts allowed us to verify that in order to account for phenomena like connectedness effects which only occur in specificational pseudoclefts, we have to suggest that for this reading, the clefted constituent moves in LF into the Wh-clause. This movement can account not only for connectedness effects but also for many other properties of the pseudocleft constructions, including differences between specificational and predicational pseudoclefts.

INTRODUÇÃO

As sentenças Clivadas (CL) e Pseudo-clivadas (PCL) despertam interesse porque suas análises e derivações levantam várias, e até agora inexplicáveis, questões sintáticas e semânticas que têm sido um quebra-cabeça para a Teoria, como por exemplo o efeito de conectividade e o tipo de concordância que nelas se verifica.

As construções CLs do Português Brasileiro (PB) têm a forma [*ser* + XP + *que* [_{IP} ec...]] ou [*ser* + XP + *que* [_{IP} ec...]] e nós sugerimos que elas sejam a realização de uma projeção focal chamada *Focus Phrase* (FP), com o constituinte clivado (CC) ocupando Spec FP. De acordo com esta suposição, algumas das problemáticas propriedades sintáticas e semânticas das construções CLs tornam-se previsíveis.

As PCLs do PB aparentemente têm a forma [relativa livre + *ser* + XP], sendo o XP o constituinte focalizado. Uma das maiores descobertas sobre este tipo de construção é que elas podem ser ambíguas entre as leituras que Akmajian (1970b) chamou de predicacional (PRED) e especificacional (ESP). A interpretação dessas leituras fará com que os problemas sintáticos e semânticos que envolvem estas construções possam ser resolvidos.

Neste trabalho pretendemos analisar as estruturas das CLs e PCLs do PB, sob a perspectiva da Teoria Gerativa buscando argumentos que sustentem a análise a ser adotada frente aos problemas apresentados pelas CLs e PCLs no PB.

No primeiro capítulo faremos a descrição das CLs e PCLs mostrando quais são as propriedades sintáticas e semânticas que estas construções apresentam.

No segundo capítulo apresentamos as resenhas de autores que usaremos como base teórica para a análise das CLs e PCLs do PB. A primeira resenha traz uma das primeiras propostas de análise para as PCLs. A segunda apresenta dados que fazem com que a primeira análise seja refutada. As demais resenhas serão fundamentais para a abordagem sobre as CLs e PCLs do PB. Destacamos que adotaremos as análises de Kiss (1998, 1999) para as CLs e Boskovic (1998) para as PCLs.

No terceiro e último capítulo propomos uma análise dos fenômenos mais relevantes verificados nas CLs e PCLs do PB a partir das resenhas do capítulo anterior, em particular às resenhas de Kiss e Boskovic. Abordaremos, dentre outros problemas, os fenômenos de concordância e conectividade das CLs e PCLs e, por fim, apresentaremos alguns motivos que nos levaram a escolher as análises desses dois autores.

CLIVAGEM: DESCRIÇÃO

1.1. Introdução

Neste capítulo pretendemos descrever como se estruturam as sentenças clivadas e as pseudo-clivadas. Primeiro procuraremos mostrar como se identifica uma sentença clivada. Em seguida, qual a leitura semântica associada a ela. Por fim, vamos fazer o mesmo para as sentenças pseudo-clivadas.

1.2. Sentenças clivadas

1.2.1. Descrição

Uma sentença clivada (CL) canônica é identificada por apresentar as seqüências de elementos em (1) e (2):

- (1)
 - a. [*ser* + XP + *que* [_{IP} ec...]]
 - b. Foi o João_i que [_{IP} ec_i beijou a Maria]
 - c. Foi **o João** que beijou a Maria.

- (2)
 - a. [XP + *ser* + *que* [_{IP} ec...]]
 - b. O João_i foi que [_{IP} ec_i beijou a Maria]
 - c. **O João** foi que beijou a Maria.

Entretanto, a ocorrência dos elementos nesta sequência não é suficiente para identificar uma sentença clivada. Para que esta identificação possa ser efetuada, é necessário que o constituinte XP seja interpretado como foco (o que marcamos com negrito).

De fato, podem ser encontradas sentenças em que ocorre a sequência apontada em (1a) sem que se trate de uma clivada. Observe (3):

- (3)
- a. É obvio que o João beijou a Maria.
 - b. É uma pena que o João tenha beijado a Maria.
 - c. Foi o menino que beijou a Maria.
 - d. Foi o João que chutou o pau da barraca.

A sequência [*ser* + XP + *que* [_{IP} ec...]] em (3a) e (3b) pode ser analisada como uma sentença complexa tal que as sentenças *que o João beijou a Maria*, *que o João tenha beijado a Maria* sejam o sujeito de uma *small clause* (SC) que tem *óbvio*, *uma pena* como predicado. Esta SC é o complemento do verbo *ser*. Deve-se observar que em (3a) e (3b) não existe uma categoria vazia (ec) dentro do IP, que é necessária para caracterizar uma clivada, como está marcado em (1b) e (2b).

Mesmo apresentando uma ec na posição de sujeito de *beijou*, (3c) pode ser analisada como uma relativa ordinária. Para tanto, imagine uma situação em que (3c) responde a uma pergunta como *Qual foi o menino que trouxe o presente?* Neste caso, *o menino* vai ser informação velha e a leitura focal recai sobre a relativa restritiva *que beijou a Maria*.

Também (3d) pode ser analisada como não sendo uma clivada. Para tanto, imaginemos um contexto em que (3d) responde uma pergunta como *O que aconteceu?*. Nesta situação, a sentença pode ser uma paráfrase de *(o que aconteceu) foi que o João chutou o pau da barraca*, uma sentença que pode ser interpretada como foco largo.

Em suma, uma sentença CL canônica supõe um constituinte que é necessariamente focalizado e ensanduichado entre o verbo *ser* e o complementizador *que*. Este constituinte corresponde a uma função gramatical interna ao IP encaixado e é retomado por uma ec.

Além de uma CL canônica, reconhecemos como CLs sentenças como (4):

- (4) a. **O João** que pagou o pato.
 b. **O João** que beijou a Maria.
 c. **O João** que comprou um carro.

A diferença das CLs canônicas para as CLs de (4) é que nestas a cópula é suprimida. O complementizador em (4) permite supor a existência da cópula. Veja que sem o complementizador não é possível supor a existência da cópula, como vemos em (5):

- (5) a. *Foi **o João** pagou o pato.
 b. *Foi **o João** beijou a Maria.
 c. *Foi **o João** comprou um carro.

Outro fator que observamos quando da análise das CLs é que estas parecem poder alternar o *que* e o *quem* em sua estrutura. Observe o exemplo (6):

- (6) a. Foi **o João** que beijou a Maria
 b. Foi **o João** quem beijou a Maria

1.2.2. Interpretação Semântica

Uma sentença focal se caracteriza por ter a informação que veicula organizada em duas partes: o foco e a pressuposição. Quando identificamos uma CL em 1.1 dissemos que a seqüência [*ser* + XP + *que* [*IP*...]] não era suficiente para identificá-la. Para que a identificação se efetive, é necessário que o XP seja interpretado como foco. Seguindo Chomsky (1971) e Jackendoff (1972), Zubizarreta (1998) assume que o foco é definido como a parte da sentença que não é pressuposta.

Prince (1978) observou que a diferença semântica das CLs para construções não-clivadas pode ser feita a partir de exemplos como os de (7):

- (7) a. João perdeu a chave.
 b. Foi a chave que João perdeu.

As sentenças acima fornecem a mesma informação, mas diferem quanto ao *foco* e à *pressuposição*. Seguindo Chomsky (1970) e outros, o que parece é que (7b) tem como pressuposto lógico a seguinte proposição:

- (8) João perdeu algo.

Uma das maneiras possíveis de se confirmar a pressuposição é fazendo a negação da sentença. A negação não afeta a necessidade de aceitarmos como verdadeiro o pressuposto. Vejamos isto através da negação dos exemplos de (7) em (9)¹:

- (9) a. João não perdeu a chave.
b. Não foi a chave que João perdeu

A sentença (9b) pressupõe (8), mas (9a) não. Em (9a) a negação invalida (8). Isto nos leva a crer que há uma diferença lógica entre as sentenças (7a) e (7b).

Zubizarreta (1998:2) sugere um outro teste para determinar qual a parte da sentença é o foco e qual é a pressuposição. Nestes testes de pergunta/resposta, a pressuposição pode ser parafraseada substituindo o elemento Wh das construções interrogativas de (10) pelos indefinidos de (11):

- (10) a. What happened?
‘O que aconteceu?’
b. What did John do?
‘O que John fez?’
c. What did John eat?
‘O que John comeu?’
d. Who ate the pie?
‘Quem comeu a torta?’
e. What happened to the pie?
‘O que aconteceu com a torta?’

¹ Exemplos (7-9) adaptados de Prince (1978).

f. What did John do with the pie

‘O que John fez com a torta?’

- (11) a. *Something* happened
 ‘Alguma coisa aconteceu’
 b. John did *something*
 ‘John fez alguma coisa’
 c. John ate *something*
 ‘John comeu alguma coisa’
 d. *Someone* ate the pie
 ‘Alguém comeu a torta’
 e. *Something* happened to the pie
 ‘Aconteceu alguma coisa com a torta’
 f. John did *something* with the pie
 ‘John fez alguma coisa com a torta’

Os exemplos de (11) podem ser traduzidos pelas fórmulas em (12) que envolvem quantificação existencial:

- (12) a. There is an x, such that x happened
 b. There is an x, such that John did x
 c. There is an x, such that John ate x
 d. There is an x, such that x ate the pie
 e. There is an x, such that x happened to the pie
 f. There is an x, such that John did x to the pie

A resposta de uma pergunta Wh deve conter um foco e pode conter a pressuposição ou parte dela. Se a resposta é uma sentença completa, o foco é a parte que atribui o valor à variável vinculada pela expressão Wh.

Assim, a sequência em (13) é ambígua quanto ao que pode ser o foco e a ambigüidade é resolvida dependendo da pergunta que a sentença responde.

- (13) [John [ate [the pie]]]
 ‘John comeu a torta’

Para cada exemplo de (14), o F marca o foco que varia de acordo com a pergunta com a qual está relacionado. Veja que o elemento focalizado nunca está presente nas perguntas, ao contrário da parte pressuposta que é repetida nas respostas:

- (14) a. [_F John [ate [the pie]]]
 [What happened?]
 ‘O que aconteceu?’
 b. [John [_F ate [the pie]]]
 [What did John do?]
 ‘O que John fez?’
 c. [John [ate [_F the pie]]]
 [What did John eat?]
 ‘O que John comeu?’
 d. [[_F John] [ate [the pie]]]
 [Who ate the pie?]
 ‘Quem comeu a torta?’
 e. [[_F John] [[_F ate] [the pie]]]
 [What happened to the pie?]
 ‘O que aconteceu com a torta?’
 f. [John [[_F ate] the pie]]
 [What did John do with the pie?]
 ‘O que John fez com a torta?’

Zubizarreta apresenta o foco visto nos exemplos acima como não-contrastivo e o diferencia de outro tipo de foco que ela chama de contrastivo. Este é graficamente marcado nas sentenças abaixo por maiúsculas em negrito. O foco contrastivo difere do não-contrastivo porque o contexto em que ele aparece supõe, não uma pergunta Wh como vemos em (16a), mas uma afirmação como vemos em (15) e (16b):

- (15) John is wearing a **RED** shirt today (not a blue shirt)
 ‘John está usando uma camisa **VERMELHA** hoje (não uma camisa azul)’
 [John is wearing a blue shirt today]
 ‘John está usando uma camisa azul hoje’
 ‘there is an x such that John wearing x’
 ‘the x (such that John is wearing x) = a red shirt’
- (16) a. #**JOHN** ate an apple²
 ‘#**JOHN** comeu uma maçã’
 [Who ate an apple?]
 ‘Quem comeu uma maçã?’
 b. **JOHN** ate an apple (not Bill)
 ‘**JOHN** comeu uma maçã (não Bill)’
 [Bill ate an apple]
 ‘Bill comeu uma maçã’
 ‘there is an x such that x ate an apple’
 ‘the x (such that x ate an apple) = John’

No plano fonológico o foco contrastivo pode apresentar um pico acentual, o que não acontece com o foco não-contrastivo. Observe que a natureza semântica dos focos contrastivo e não-contrastivo é idêntica no sentido que ambos atribuem um valor para uma variável. Porém, o foco contrastivo nega um valor atribuído à variável e lhe atribui um novo valor: em (15) o valor negado é *blue* (azul) e o atribuído é *red* (vermelho).

Kiss (1998) também reconhece dois tipos de foco que ela chama de identificação e de informação. Foco, como vimos na definição dada acima, é a parte da sentença que carrega informação nova. Assim, tanto foco de informação como o de identificação são reconhecidos por serem a parte não pressuposta da sentença. Porém, a diferença entre esses dois tipos de foco é que o de informação está presente em todas as sentenças e o foco de identificação, como veremos, somente em sentenças particulares.

² O símbolo (#) está sendo usado para mostrar que JOHN não é foco contrastivo.

Um exemplo de foco de informação, que marcaremos com maiúsculas, pode ser visto em (17), uma sentença do húngaro:

- (17) Mikko antoi kukkia ANNALLE
 ‘Mikko deu flores PARA ANNA’

Ao ser pronunciada, a sentença pode ter um pico de acento em *ANNALLE* (para Anna) traduzindo fonologicamente a interpretação de foco.

O foco de identificação se distingue do de informação por apresentar os traços de exaustividade ou contraste e por desempenhar o seguinte papel semântico-comunicativo na sentença:

“An identificational focus represents a subset of the set of contextually or situationally given elements for which the predicate phrase can potentially hold; it is identified as the exhaustive subset of this set for which the predicate phrase actually holds.” (Kiss (1998:245))³

Se aplicamos a citação acima, uma sentença como (18) deve ser interpretada desta maneira: de um conjunto relevante de pessoas {János, Mikko, Mari...}, presentes no domínio do discurso, o subconjunto ao qual o predicado *mutattam be Pétert* (que eu apresentei o Pedro ontem) efetivamente se aplicou foi {*Mari(nak)*} ((para) Maria).

- (18) Tegnap este **Marinak** mutattam be Pétert.
 Última noite **para Maria** apresentei eu Pedro
 ‘Foi para a Maria que eu apresentei o Pedro ontem’

A propriedade de o foco ser exaustivo pode ser parafraseada por *Foi para a Maria e para ninguém mais que eu apresentei o Pedro*. A propriedade de ser contrastivo pode ser parafraseada por *Foi para a Maria e não para János que eu apresentei o Pedro*.

³ “Um foco de identificação representa um subconjunto do conjunto de elementos dado contextualmente ou situacionalmente para que a frase predicacional possa potencialmente se aplicar; este foco é identificado como o subconjunto exaustivo deste conjunto para o qual o predicado efetivamente se aplica.”

Kiss sugere que o foco de identificação é realizado como um constituinte clivado no inglês e que este constituinte representa o valor de uma variável vinculada por um operador abstrato expressando identificação exaustiva. De um conjunto relevante de entidades, o constituinte que expressa identificação exaustiva é o subconjunto ao qual o predicado realmente se aplica. Considere o exemplo (19):

- (19) I have looked at all the cars that are for sale. It is **a JAPANESE car** that I will buy.

‘Eu olhei todos os carros que estão em promoção. Será **um carro JAPONÊS** que eu vou comprar.’

A parte focal da construção clivada introduz um conjunto de nacionalidades, e *japanese* aparece como um membro deste conjunto. No entanto, o adjetivo *japanese* representa meramente informação não-suposta, sendo assim o foco de informação. O conjunto relevante em que a operação para reconhecer o constituinte com identificação exaustiva vai atuar consiste do conjunto de carros (de várias nacionalidades). Isto significa dizer que o foco de identificação é o DP inteiro *a japanese car*. Um foco de identificação nunca pode ser um subconstituente.⁴

Uma maneira de se verificar se o foco apresenta identificação exaustiva é o teste de Szabolcsi (1981). Este teste envolve um par de sentenças em que a primeira contém um foco consistindo de dois DPs coordenados e a segunda difere da primeira porque um dos DPs coordenados é omitido. Se a segunda sentença não for consequência lógica da primeira, o foco expressa identificação exaustiva. Compare as sentenças com foco de identificação de (20), com as com foco de informação de (21):

- (20) a. Mari **egy kalapot és egy kabátot** názett ki magának
 Maria um chapéu. ACC e um casaco. ACC escolheu ela mesma. para
 ‘Foi **um chapéu e um casaco** que Maria escolheu para ela mesma’
 b. Mari **egy kalapot** nészett ki magának
 ‘Foi **um chapéu** que Maria escolheu para ela mesma’

⁴ Este assunto será abordado no capítulo III quando falarmos das restrições encontradas para a clivagem.

- (21) a. Mari ki nézett magának EGY KALAPOT ÉS EGY KABÁTOT
 Maria escolheu para ela mesma. DAT UM CHAPÉU. ACC E UM
 CASACO. ACC
 ‘Maria escolheu UM CHAPÉU E UM CASACO para ela mesma’
- b. Mari ki nézett magának EGY KALAPO
 ‘Maria escolheu UM CHAPÉU para ela mesma’

(20b) não é consequência lógica de (20a); pelo contrário, ela contradiz (20a), de modo que a verdade de (20a) não implica a verdade de (20b). A sentença em (21b), por outro lado, é consequência lógica de (21a). O que estas sentenças mostram é que o foco de identificação passa no teste da exaustividade, mas o foco de informação não passa.

O que Zubizarreta diz ser foco não-contrastivo parece poder ser reduzido ao que Kiss chama de foco de informação. Em ambos os casos se trata do foco que fornece a informação requerida pela pergunta, como exemplificado em (14) acima. Porém, não parece ser possível afirmar que o foco contrastivo e o de identificação sejam conceitos que recobrem o mesmo tipo de foco.

Ao considerar as sentenças clivadas do inglês, Kiss afirma que elas veiculam foco de identificação. Suponhamos que o mesmo acontece com uma clivada do português. Então uma sentença clivada, como (22a), não é resposta pragmaticamente apropriada para uma pergunta Wh ordinária, como (22b), cujo falante simplesmente quer saber a identidade do pagador:

- (22) a. Foi o **João** que pagou o pato.
 b. Quem pagou o pato?

Como resposta, (22a) tem mais informação do que a pergunta solicita.

Por outro lado, (22a) é uma resposta pragmaticamente adequada para a pergunta (23):

(23) Quem foi que pagou o pato?

Observe que (23) tem estrutura de sentença clivada apenas com uma diferença: como afirma Mioto (1999), a expressão Wh não estacionou entre *foi* e *que* porque o verbo *ser* seleciona um CP que não pode ser interrogativo; se a expressão Wh estacionasse no Spec do CP encaixado teríamos incompatibilidade seletional⁵. Assim, (23b) é uma pergunta clivada que pede como resposta uma sentença com identificação exaustiva, o que presumimos que a sentença (22a) faz. Portanto, (22a) veicula foco de identificação sem que contraste esteja implicado.

Em resumo, a análise semântica das CLs estabelece que neste tipo de construção há um elemento focal envolvido. Porém, a partir das abordagens apresentadas por Zubizarreta e Kiss verificamos que não é mais suficiente falar que para a caracterização de uma clivada um elemento focalizado esteja envolvido. É preciso falar que neste tipo de construção há, sim, um foco especial envolvido. Este foco difere do que Zubizarreta chama de não-contrastivo (e para nós do contrastivo também) e do foco que Kiss chama de informação. Concordamos com Kiss que o foco envolvido nas CLs é de um tipo que possui identificação exaustiva, o qual ela denomina foco de identificação.

1.3. Sentenças Pseudo-clivadas

1.3.1. Descrição

Uma sentença pseudo-clivada (PCL) canônica é identificada por ser uma sentença copular que tem como sujeito uma relativa livre introduzida por um elemento Wh e como predicado uma cópula e um constituinte focalizado. A ordem linear dos constituintes na PCL é a que vemos em (23):

- (24) a. [relativa livre + *ser* + XP]
 b. Quem beijou a Maria foi o João

⁵ Ou ainda, se o Spec do CP encaixado fosse preenchido por uma expressão Wh, o escopo da pergunta não atingiria toda a sentença.

b. O que o João comprou foi **um carro**

[-hum]

[-hum]

c. Onde o João mora é **em Florianópolis**

[+loc]

[+loc]

O que queremos sugerir com os exemplos acima é que quando não há compatibilidade entre o elemento focalizado e a expressão Wh não temos uma PCL canônica.

Além de uma PCL canônica, reconhecemos como PCL sentenças como (29):

(29) a. O João chegou foi **ontem**

b. O João comprou foi **um carro**

c. O João mora é **em Florianópolis**

A diferença entre a PCL canônica e as PCLs de (29) está em que a expressão Wh é suprimida em (29). A cópula em (29) enfoca as expressões em negrito e permite supor a existência da expressão Wh. Veja que sem a cópula não é possível supor a expressão Wh, como vemos em (30):

(30) a. *Quando o João chegou ontem

b. *O que o João comprou um carro

c. *Onde o João mora em Florianópolis

1.3.2. Interpretação Semântica

Vimos em 1.3.1 que as sentenças (25) e (26), mesmo aparentando ter estruturas idênticas, são diferentes: somente (26) pode ser identificada como uma PCL porque apresenta um foco com características especiais que retoma a expressão Wh. O que nos permite estabelecer diferenças entre estas sentenças é a leitura que pode ser atribuída a elas. Akmajian (1970) usa os termos predicacional (PRED) e especificacional (ESP) para referir-se a estas leituras. (25) tem leitura PRED porque o AP *esperto* está predicando sobre *quem(roubou o banco)*, isto é, atribui uma qualidade ao ladrão. E (26)

tem leitura ESP porque o DP *o João* especifica *quem (roubou o banco)*, isto é, identifica o ladrão.

Higgins (1973) sugere que as sentenças ESPs funcionam como uma lista de valores predicativos ou referenciais que podem ser atribuídos a uma variável. Observe que este postulado somente se aplica a (26), repetida como (32), mas não a (25), repetida como (31):

- (31) Quem roubou o banco foi ESPERTO
 O X que roubou o banco foi esperto
 O João foi esperto

- (32) Quem roubou o banco foi o **João**
 O X que roubou o banco foi o João

Veja que em (31) o foco *esperto* não serve de valor para a variável vinculada a *quem* não podendo, nos moldes sugeridos por Higgins, ser atribuída a ele uma leitura ESP. Já (32) possui todas as características de sentença ESP porque o foco *o João* é o valor da variável relacionada com *quem*.

No entanto, afirmar que uma PCL tem somente leitura ESP vai exigir que se tome uma decisão a respeito de uma sentença como (33)⁸, ambígua entre duas leituras:

- (33) O que o José é é importante

Para que (33) tenha leitura PRED *importante* terá de estar predicando sobre algo que *José é*, mas não sobre *José* diretamente. Por exemplo, se falamos que *José é professor*, para que a leitura seja PRED estaremos dizendo que ser professor é importante. No entanto, se *importante* estiver sendo diretamente um predicado de *José*, a leitura será a ESP.

A ambigüidade entre as leituras PRED e ESP pode ser resolvida, por exemplo, através da seleção dos adjetivos. Assim, (34a) terá somente leitura PRED (veja que ser professor pode ser lucrativo, mas José não pode ser lucrativo), e (34b) terá somente

⁸ Exemplo extraído de Higgins (1973) e adaptado para o PB.

leitura ESP (*orgulhoso* pode ser predicado de uma pessoa como José, mas este tipo de adjetivo não pode ser predicado de uma profissão, como a de professor):

- (34) a. O que o José é é lucrativo
b. O que o José é é orgulhoso⁹

A distinção fica mais clara quando substituímos *o José* em (34) pela Xuxa em (35) e (36):

- (35) a. O que a Xuxa é é lucrativo
b. *O que a Xuxa é é lucrativa
- (36) a. *O que a Xuxa é é orgulhoso
b. O que a Xuxa é é orgulhosa

Observe que a leitura verificada em (35a) é a PRED porque o adjetivo *lucrativo* não pode concordar com *a Xuxa*, sendo predicado de *o que a Xuxa é*. Em (36b), por outro lado, temos leitura ESP porque o adjetivo *orgulhoso* tem que ser o predicado de *a Xuxa* e concordar com aquele DP.

Interessante observar que o adjetivo em (36b) não é masculino para estar em concordância com *o que*, mas feminino para estar em concordância com *a Xuxa*. O fenômeno da concordância numa língua como o PB permite construir contextos não ambíguos entre a leitura ESP e a leitura PRED, exemplo (37b). Esta mesma condição não está disponível para uma língua como o inglês, por exemplo. Nesta, os adjetivos nunca são marcados por flexão de gênero, embora tenha de haver compatibilidade em outros traços, exemplo (38):

- (37) a. O que o João é é escandaloso.
b. O que a Maria é é escandaloso/escandalosa.

- (38) a. What John is is reliable

⁹ Exemplos extraídos de Higgins (1973) e adaptados para o PB.

b. What Mary is is reliable

Suponha que podemos representar estas interpretações por meio de co-indexação de modo que o predicado é co-indexado com o constituinte ao qual ele se aplica. Veja como isto pode ser feito em (39):

- (39) a. [O que_i [o José é ec_i]]_j é lucrativo;
 b. [O que_i [o José é ec_i]] é orgulhoso_i

Em (39a), *lucrativo* é o predicado que se aplica a *O que o José é*, donde a co-indexação *j*; em (39b) *orgulhoso* é o predicado que se aplica a *o José*, donde sua co-indexação com *o que*. As representações em (39) explicitam as interpretações apontadas por Higgins (1973).

Além da proposta de co-indexação para a interpretação de sentenças como (33) e (34) acima, uma outra maneira de verificar que tipo de leitura pode ser atribuída a estas construções é fazendo o teste de pergunta/resposta, já utilizado para a análise das CLs. Observe como as sentenças são interpretadas dependendo da pergunta para a qual elas são direcionadas:

- (40) a. (O João) é importante.
 b. (O que o João é) é importante
 [O que o João é?]
- (41) a. (O que o João é) é importante
 b. (O que (o que o João é) é) é importante
 [O que o João é é o quê?]

Repare que uma sentença como (33), repetida em (40b) e (41a), responde tanto a uma pergunta como *O que o João é?* quanto a uma como *O que o que o João é é?*. Isto acontece porque esta é uma sentença ambígua entre duas leituras: a PRED e a ESP. Quando a ambigüidade é resolvida, uma pergunta como a de (41) não pode ter como resposta a sentença cuja interpretação terá leitura ESP, ou seja, aquela na qual

importante estará sendo diretamente atribuído à pessoa do João. Esta abordagem se torna mais clara se analisamos sentenças não ambíguas como as de (42) e (43):

- (42) a. O João comprou um carro
 b. O que o João comprou foi um carro
 [O que o João comprou?]
- (43) a. #O que o João comprou foi um carro¹⁰
 b. O que o João comprou foi importante
 c. O que o que o João comprou foi foi importante
 d. #O que o que o João comprou foi foi um carro
 [O que o que o João comprou foi?]

Veja que a pergunta de (42), assim como a pergunta de (40), pede como resposta uma sentença com leitura ESP. Já a pergunta de (43) pede como resposta sentenças cuja leitura somente poderá ser PRED. Quando tentamos respostas com leitura ESP, como as de (43a) e (43d), estas são inadequadas. O que os exemplos acima também sugerem é que as PCLs podem responder a uma pergunta ordinária. Além disto, as PCLs parecem ter em sua construção um foco que pode ser confundido com o de informação.

1.4. Resumo

A descrição apresentada acima para as CLs e PCLs nos permitiu verificar que essas duas construções diferem, primeiro, porque nas CLs a relativa aparece depois da cópula e tem um complementizador em sua estrutura; nas PCLs a relativa vem antes da cópula e tem uma expressão Wh em sua estrutura. Observamos também que quando não temos CL canônica o elemento que é suprimido é a cópula enquanto que na PCL não-canônica o que é suprimido é a expressão Wh. Outro fator que observamos quando da análise das CLs é que estas parecem poder alternar o *que* e o *quem* em sua estrutura, exemplo (6) repetido em (44); já as PCLs somente permitem a expressão Wh, não tolerando, como podemos ver em (45), o complementizador *que*:

- (44) a. Foi **o João** que beijou a Maria
b. Foi **o João** quem beijou a Maria
- (45) a. *Que o João chegou foi ontem
b. *Que o João comprou foi um carro

A análise semântica das CLs e PCLs revelou que o foco nas CLs tem, assim como sugere Kiss, leitura exaustiva. No entanto, o foco das PCLs pode não ter leitura exaustiva, já que uma PCL pode responder a uma pergunta ordinária e ter seu foco confundido com o de informação.

¹⁰ O símbolo (#) está sendo usado para mostrar que a sentença é inadequada como resposta para a

ANÁLISES

2.1. Introdução

Neste capítulo são apresentadas resenhas de autores que estudaram as CLs e PCLs, como Akmajian (1970), Emonds (1976) e Prince (1978). Além das abordagens desses autores, destacaremos as análises de Modesto (1995) para CLs e PCLs, de Boskovic (1998) para PCLs e Kiss (1998, 1999) para CLs.

2.2. Akmajian (1970)

Uma das primeiras análises sobre construções CLs dentro dos moldes da gramática gerativa foi feita por Akmajian (1970). Ele assume que as CLs são derivadas das PCLs por meio de uma regra (*Cleft-Extraposition Rule*) que extrapõe a frase inicial da PCL para o final da sentença. Após a extraposição da sentença, o expletivo *It* aparece na posição de sujeito. A estrutura inicial postulada é como (1a) que vai resultar em (1b):

- (1) a. [The one who Nixon chose] be Agnew
- b. It be Agnew [who Nixon chose]

Esta análise foi primeiramente desenvolvida para dar conta de alguns casos de concordância que ocorre no inglês padrão. Neste dialeto, o verbo encaixado na CL não concorda em pessoa com o sujeito clivado mas está sempre na terceira pessoa. Ver (2):

- (2) a. It's me who *is* responsible.
- b. It's you who *is* responsible

- c. It's him who *is* responsible.
- d. It's John and me/us who *are* responsible.
- e. It's you who *are* responsible.
- f. It's them/those two who *are* responsible

Pronomes em posição de foco são sempre acusativos (acc), e o verbo da sentença está na terceira pessoa. O verbo não concorda em pessoa com o nome ou pronome focalizado, mas concorda em número. Assim, a concordância do verbo é diferente segundo se trata de uma CL ou de uma sentença sem clivagem:

- (3) a. It's you who *does*/ **do* this job. (singular)
Mas: You *do* this job.
- b. It's you who *do* this job. (plural)
- c. It's me who *does*/**do* this job.
Mas: I *do* this job.
- d. It's us who *do* this job.
- e. It's me that always *gets*/**get* the tough breaks
Mas: I always *get* the tough breaks
- f. It's us that always *get* the tough breaks

Este tipo de concordância que ocorre nas CLs (o verbo concorda em número, mas não em pessoa com o foco) comprova que estas são derivadas de PCLs porque ambas exibem as mesmas propriedades, ou seja, o tipo de concordância é idêntico. Compare os exemplos de (4) abaixo, com os mostrados em (2) e (3) acima:

- (4) a. The one who *is* responsible is me
- b. The one who *is* responsible is you
- c. The one who *is* responsible is him
- d. The *ones* who *are* responsible are John and me/us
- e. The *ones* who *are* responsible are you
- f. The *ones* who *are* responsible are those two/them
- g. I am the one who *does*/**do* this job

h. I am the one that always *gets* the tough breaks

Para Akmajian, os exemplos acima sugerem que as CLs e PCLs são sinônimas, compartilham da mesma pressuposição, respondem às mesmas questões e, em geral, são intercambiáveis.

2.3. Emonds (1976)

A análise de Akmajian foi criticada nos anos seguintes por Emonds (1976) porque ela não dava conta da derivação de sentenças do tipo:

(5) It was to John that I spoke

O exemplo de CL (5), se fosse derivada de uma PCL, teria como fonte uma estrutura como (6) que, no entanto, é ilegítima.

(6) [it [_S that I spoke]] was to John

Para Emonds, as construções CLs são derivadas de frases nominais, com a aplicação de regras de deslocamento do foco, relativização opcional, e extraposição da clivada. A fonte de (5) terá a estrutura como a de (7):

(7) [that I spoke to a friend] was

O NP *a friend* ou o PP *to a friend* pode sofrer o deslocamento do foco da seguinte maneira:

- (8)
- a. [that I spoke *t*] was [_{PP} to a friend]
 - b. [that I spoke to *t*] was [_{PP} a friend]
 - c. [that I spoke to him] was [_{NP} a friend]

Em (8c) o lugar do NP é preenchido por um pronome resumptivo. Se esta for a opção escolhida, o pronome ou o PP deve ser substituído por um vestígio Wh e sofrer movimento Wh:

- (9) a. [who I spoke to *t*] was a friend
b. [to whom I spoke *t*] was a friend

Se a derivação acontece via estrutura intermediária em (8a) ou (8b), o complementizador é opcionalmente apagado:

- (10) a. (that) I spoke was to a friend
b. (that) I spoke to was a friend

Eventualmente, acontece a extraposição da clivada e a posição vazia do sujeito é preenchida por um expletivo *it*. Se estas operações são realizadas nas estruturas intermediárias em (10a, b) ou (9a, b), podem surgir as seguintes sentenças:

- (11) a. It was to a friend (that) I spoke
b. It was a friend (that) I spoke to
c. It was a friend to whom I spoke
d. It was a friend who I spoke to

2.4. Prince (1978)

Prince (1978) mostra que sintaticamente as CLs e PCs diferem quanto ao tipo de categoria de constituinte que pode ser focalizado em suas construções. Ambas aceitam um NP (12), mas um ADV (13) ou um PP (14) ocorrem comodamente (somente) em CLs, assim como um VP (15) ou uma S (16) ocorrem comodamente em PCs:

- (12) a. "... It is **the grammatical relations of the deep structure** that determine the semantic interpretation." (Chomsky 1970:14)

- b. “What we have is simply **a principle of cooperation.**” (Lasnik 1976:2)
- (13) a. “It was **then** that a became a young revolutionary.” (Hitler, transl. Cited in Shirer 1960:13)
b. *When I became a young revolutionary was **then.**
- (14) a. “It is **against pardoning these** that many protest.” (*PI*, 2/6/77, p. 6D)
b. *What/Where/How many protest is **against padoning these.**
- (15) a. “What that does is **tend to Rob Ervin and the Grand Jury with yet a third investigation group.**” (Haldeman *in PT*, 201)
b. *It is **tend to Rob Ervin...** that that does.
- (16) a. “What you are saying is **that the President was involved.**” (Haldeman *in PT*, 159)
b. *It is **that the President was involved** that you are saying.

Uma observação com relação ao NP foco que ocorre tanto em construções CLs como em PCs é que nas CLs ele pode ter um constituinte animado, mas em PCs o NP foco somente pode ser inanimado. Compare (12) com (17):

- (17) a. “...It was **Magruder** that leaked it.” (Ehrlichman *in PT*, 221)
b. *Who/What leaked is was **Magruder.**

2.5. Modesto (1995)

Modesto (1995) pretende apresentar uma análise unificada para CLs e PCLs e diferenciar essas construções de sentenças copulares comuns (SCC). Para isso define as CLs e PCLs como sendo “sentenças especificacionais em que um movimento A-barra dispara leituras de contraste, exaustividade e exclusividade.”

Para analisar as construções clivadas (CLs e PCLs), Modesto contrasta as SCCs de (18) com as pseudo(clivadas) de (19):

- (18) a. A Mafalda é inteligente (SCC predicacional)
 b. A Mafalda é minha vizinha (SCC especificacional)
 c. Quem roubou o banco foi esperto (SCC predicacional)
 d. A Suzanita é quem quer casar (SCC especificacional)
- (19) a. É a Suzanita que quer casar (CL)
 b. A Suzanita é que quer casar (CL)
 c. Inteligente é a Mafalda (CPC)¹¹
 d. A conta pago eu (NCPC)¹²
 e. Quem quer casar é a Suzanita (PCL)
 f. É a Suzanita quem quer casar (PCE)¹³

As sentenças (18a, b) e (18c, d), mesmo possuindo a mesma classificação (a de serem SCCs), serão analisadas de uma maneira diferente porque estas últimas, em uma vasta literatura, são tratadas como PCLs por apresentarem a propriedade de ter uma relativa livre como argumento do verbo *ser*. Porém, como não sofreram movimento A-barra não apresentam as leituras de clivagem.

Outro processo que pode desencadear a leitura de clivagem é o da inversão sujeito-predicado. Este movimento faz com que sentenças como (19d), uma (NCPC) e (19c), uma (CPC) sejam definidas como clivadas.

Além do movimento sintático que acontece nas clivadas, o que será necessário verificar para a abordagem destas construções são as leituras semânticas que envolvem as clivadas. Modesto, seguindo Akmajian (1970), usa os termos predicacional e especificacional para se referir a estas leituras. O que será possível observar é que nas clivadas somente a leitura especificacional será possível. Isto não significa dizer que qualquer leitura especificacional seja clivada, como pode ser visto nos exemplos (18b, d), mas toda clivada terá leitura especificacional.

¹¹ Copular pseudo-clivada.

¹² Não copular pseudo-clivada.

¹³ Pseudo-clivada extraposta.

A partir da definição dada acima para clivadas, Modesto propõe as seguintes estruturas para PCLs e CLs:

2.5.1. A estrutura das PCLs:

A análise do verbo *ser* sugere que este verbo subcategoriza uma *small clause* (SC) composta por um predicado que pede um argumento temático que será alçado à posição de sujeito para checar seu Caso. Isto é o que acontece com sentenças como (18d), acima, na qual o NP *a Suzanita* se movimenta para Spec IP para checar seu traço casual. Como este movimento se caracteriza como um movimento A, as leituras de clivagem não são disparadas. Porém, a partir desta análise como justificar que sentenças como (19e-f) acima, nas quais o argumento da SC aparece numa posição superficial pós-cópula, sejam PCLs?

Para justificar a classificação dessas construções como PCLs, é assumida a hipótese da flexão dividida, proposta por Pollock (1989), em que o nó INFL se divide em dois núcleos funcionais: T(ense) e Agr(eement). A proposta sugerida é a de que nas PCLs não-extrapostas a relativa livre (i.e., o predicado da SC subcategorizada pelo verbo *ser*) se encontra em Spec TP e o sujeito (o argumento da SC) em Spec AgrP. Assim, numa sentença como (19e) acima, repetida em (20) abaixo, a relativa livre *quem quer casar* move-se para Spec TP e o NP *a Suzanita*, argumento da SC, é movido para Spec AgrP para checagem de Caso. Dessa forma, o movimento da relativa livre se qualifica como A-barra e as leituras de clivagem são disparadas.

(20) Quem quer casar é a Suzanita (PCL)

(19f), repetida em (21), também apresenta as mesmas leituras que caracterizam a clivagem, com a diferença que nesta a relativa livre é extraposta para o fim da sentença.

(21) É a Suzanita quem quer casar (PCE)

O que se assume é que nas PCLs o sujeito checa Caso nominativo em Spec AgrP e o predicado da SC é movido para Spec TP, neste caso, uma posição A-barra. Já na sentença(18d), repetida em (22), o que se observa é que o NP argumento da SC *a Suzanita* checa seus traços em Spec TP, obstruindo o movimento da relativa livre. Neste caso, as leituras de clivagem não são disparadas e sentenças deste tipo são consideradas como SCCs justamente porque não apresentam movimento A-barra da relativa livre.

(22) A Suzanita é quem quer casar

Com a análise mostrada acima, Modesto propõe esclarecer a ambigüidade (que ele defende ser estrutural) entre as leituras ESP e PRED que há numa sentença como (23):

(23) O que o José é é bobo

Na versão ESP, o valor *bobo* é atribuído à variável *o x que José é*, e na versão PRED a propriedade de ser bobo é atribuída ao referente (não especificado) da relativa livre *o que o José é*. Somente na versão ESP *bobo* pode ser entendido como um NP. Este fato faz com que na versão ESP *bobo* possa ser gerado na posição de argumento da SC. Este sintagma é então movido para Spec AgrP e a relativa livre sofre movimento A-barra para Spec TP gerando as leituras de clivagem. Na versão PRED *bobo* somente pode ser entendido como um AP, sendo assim gerado na posição de predicado da SC. Neste caso, a relativa, agora argumento da SC, checa seus traços casuais em Spec TP. Como este movimento não se caracteriza como A-barra, as leituras de clivagem não são disparadas.

A leitura que se faz da sentença mostrada no capítulo I em (25a), repetida abaixo em (24), indica que esta seja uma SCC e não uma PCL, como afirmam alguns autores:

(24) Quem roubou o banco foi esperto

(24) é uma SCC, primeiro porque esta é uma sentença PRED, não se encaixando na definição de clivagem. Segundo, porque sua derivação é igual à das SCCs: o AP *esperto* somente pode ocupar o lugar de predicado da SC complemento da cópula. A relativa

livre, argumento da SC, checa seus traços casuais em Spec TP impedindo o movimento do predicado, não havendo assim as leituras de clivagem.

A partir de (24) pode-se formar uma PCL como (25) movendo o predicado da SC para Spec TP. Este movimento dispara as leituras de clivagem e torna a sentença PRED (24) em uma ESP (25):

- (25) Esperto foi quem roubou o banco

A idéia central no trabalho de Modesto é a de que o mesmo processo responsável pelo aparecimento das leituras de clivagem nas PCLs pode acontecer, basicamente, em qualquer tipo de sentença do PB. Por exemplo, a partir de SCCs como (18a-b), acima, repetidas em (26a-b), abaixo, pode-se formar uma sentença copular pseudo-clivada (CPC), em (27), através do movimento A-barra do predicado da SC. Este processo produz as leituras de clivagem, como provam as continuações em (27):

- (26) a. A Mafalda é inteligente (SCC predicacional)
b. A Mafalda é minha vizinha (SCC especificacional)
- (27) a. Inteligente é a Mafalda (não o Felipe/*e o Felipe também)
b. Minha vizinha é a Mafalda (não a Suzana/*e a Suzana também)

O mesmo processo ocorre com a formação de sentenças não copulares pseudo-clivadas (NCPC): (28a-b) são formadas por movimento-A do NP nominativo para Spec AgrP e movimento A-barra do objeto direto para Spec TP:

- (28) a. A conta pago eu
b. O sanduíche come o Pedro

Segundo Modesto, esse fato indica que a checagem de Caso nominativo em Spec AgrP pode acontecer em todos os casos, e não apenas quando um “predicativo” é movido para Spec TP.

Outro fator que colabora para a sustentação da análise sugerida acima são os fenômenos de concordância que se verifica nas PCLs e SCCs: nas SCCs, em (29), a cópula concorda com o NP recebendo Caso nominativo em Spec TP; nas PCLs, em (30), a cópula em T, concorda com o NP recebendo Caso nominativo em Spec AgrP, uma vez que houve um movimento A-barra do predicado da SC para Spec TP:

- (29) a. Nós somos inteligentes
 b. Nós somos seus novos vizinhos
 c. Aqueles que roubaram o banco foram espertos
 d. Eu fui/sou quem falou
- (30) a. Inteligente sou eu (CPC)
 b. As contas pago eu (NCPC)
 c. Quem quer casar sou eu (PC)
 d. Sou eu quem quer casar (PCE)

2.5.2. A estrutura das CLs:

Vimos acima que as sentenças PCLs são geradas por um movimento A-barra da relativa livre para Spec TP, gerando as leituras de clivagem. Estas diferem das SCCs nas quais o argumento da SC é que é movido para Spec TP, via Spec AgrP, não gerando as leituras de clivagem. No caso das CLs a cópula subcategoriza, ao invés de uma SC, uma oração desenvolvida com INFL.

Assim como ocorre nas PCLs, nas CLs também é necessário que ocorra um movimento A-barra para que haja a leitura de clivagem. Nas PCLs é a relativa livre que se move, nas CLs é o constituinte clivado (CC), que é gerado na sentença encaixada e se move para uma posição à esquerda da sentença. Um segundo movimento pode ainda elevar o CC dessa posição para uma posição à esquerda da sentença matriz. Da estrutura (31) serão geradas as sentenças de (32):

- (31) [CP [IP [ser [NP [C' que [IP o Zé gosta da Maria]]]]]]

- (32) a. É o Zé que gosta da Maria
b. O Zé é que gosta da Maria

O movimento que ocorre nas CLs pode ser constatado pelos fenômenos de cruzamento e pelas condições de ligação de anáforas na clivagem (conectividade), que sugerem que as CLs devem sofrer reconstrução, um indício de movimento. A reconstrução de sentenças como as de (33) e (34) é que permitiria explicar como estas são gramaticais:

- (33) Foi [a [si próprio]_i] que José_i prejudicou t_i

- (34) a. Foi o José_i que ele_{*i/j} viu
b. Foi a mãe do José_i que ele_{*i/j} viu

A gramaticalidade de (33), que tem uma anáfora numa posição que viola o princípio A da Teoria da Ligação, somente pode ser explicada pela reconstrução que esta deve sofrer para o seu lugar de origem; em (34) a impossibilidade de co-referência entre o CC, uma expressão referencial, e o pronome, que poderia estar vinculado a um constituinte fora da sua categoria de regência, também pode ser explicada pela reconstrução que o CC sofre à sua posição original.

O movimento que caracteriza as CLs e PCLs é um movimento A-barra, porém nas PCLs o elemento movido não é o elemento focalizado, enquanto nas CLs é o elemento focalizado que é movido.

O tipo de movimento que acontece com o CC parece ser um movimento Wh e o vestígio deixado por este movimento será uma variável. Essa hipótese pode ser comprovada pelos fenômenos de cruzamento e conectividade, um indício de movimento Wh (Cinque 1990), mostrados em (34) e (33) respectivamente; as CLs licenciam a existência de lacunas parasitárias (35) e o CC é interpretado em LF como um NP quantificado (36):

- (35) Foram [esses livros]_i que ela fichou t_i sem ler

- (36) a. Foi o Zé que caiu da escada
b. x = Zé e x caiu da escada

Segundo Modesto, a análise de que o movimento que ocorre nas CLs tem de ser caracterizado como movimento A-barra, permite desvincular a leitura ESP das leituras típicas da clivagem: as leituras PRED ou ESP são geradas pela predicação envolvida na SC ou em qualquer oração desenvolvida ; as leituras de clivagem são produzidas pelo movimento A-barra do CC nas CLs e pelo predicado da SC nas PCLs. Se o movimento que caracteriza as CLs é o movimento A-barra do CC, então o que é sugerido é que o local de pouso do CC é o Spec CP. Outra solução seria postular que o CC se mova para uma categoria funcional chamada FP(*focus phrase*) entre CP e IP, que explicitaria a interpretação focal vista na clivagem. Entretanto, Modesto descarta esta possibilidade dizendo que elementos focalizados são movidos para Spec FP, mas que o local de pouso do CC é o Spec CP.

O movimento que caracteriza as CLs parece ser o que define o tipo de concordância que nelas se verifica. A cópula concorda com o CC quando o movimento é até Spec CP da oração encaixada (37); por outro lado a cópula nunca concorda com o CC quando ele é movido daquela posição para Spec FP da oração matriz (38):

- (37) a. Fomos nós que saímos ontem
b. ?? Foi nós que saímos ontem
c. *Somos nós que saímos ontem
d. *É nós que saímos ontem

- (38) a. *Nós fomos que saímos ontem
b. ??Nós foi que saímos ontem
c. *Nós somos que saímos ontem
d. Nós é que saímos ontem

A concordância do CC com o verbo da sentença encaixada é explicada porque o CC é movido da oração encaixada onde recebe Caso e papel temático do verbo daquela sentença. Quando o CC está em Spec CP da oração encaixada, sempre haverá

concordância entre este constituinte e a cópula; por outro lado, se o CC é movido para Spec FP da oração superior, a cópula sempre assume concordância *default*.

2.6. Boskovic (1997)

Boskovic (1997) propõe uma análise para as PCLs ESPs que procura dar conta, dentre outras coisas, do fenômeno chamado *efeito de conectividade* que se verifica em (39):

- (39) a. What *John* is is important to *himself*
 b. What *John* saw in the mirror was *himself*
 c. What *everyone* proved was *his* own theory
 d. What John didn't buy was *any* pictures of Fred

(39a-b) mostram que o sujeito *John* da sentença Wh pode servir como antecedente para a anáfora *himself*. O quantificador *everyone*, sujeito da sentença Wh, pode ligar um pronome *his* em (39c). Finalmente, em (39d) a negação na sentença Wh pode licenciar um item de polaridade negativa (IPN) *any*. Se, como faz Boskovic, dividirmos as PCLs em duas partes, a sentença Wh [What John is] e o contrapeso [important to himself], notamos que o o que está em itálico na sentença Wh não serve como antecedente para o que está em itálico no contrapeso. A gramaticalidade de (39a-d) é um quebra-cabeça para a teoria, pois anáforas, variáveis e IPNs para serem licenciados requerem um antecedente.

Considere o que acontece em (40):

- (40) a. *What *he_i* likes is *John's_i* car
 b. *What *John_i* is is important to *him_i*

O que se esperaria agora é que as sentenças fossem gramaticais, pois em (40a) *he* não c-comanda *John* e o Princípio C não estaria sendo violado; de modo paralelo, em (40b) *John* não c-comanda *him* e a coindexação entre os dois itens não violaria o Princípio B.

Entretanto, deve-se observar que o efeito de conectividade ilustrado em (39) e (40) não é uma propriedade das PCLs em geral, mas uma propriedade exclusiva das PCLs ESPs. A conectividade falha com PCLs PREDs. Assim (39a) pode somente significar que John é importante. (40b), por outro lado, é gramatical se sua leitura for a PRED, isto é, se John ser algo é importante.

Para dar conta da gramaticalidade de (39) e da agramaticalidade de (40), alguns lingüistas sugerem que, em algum nível de representação, o contrapeso e a sentença Wh (39a-d) e (40a-b) formam as estruturas das sentenças em (41a-f), onde o c-comando entre os itens relevantes é estabelecido:

- (41) a. John is important to himself
 b. John saw himself in the mirror
 c. Everyone proved his own theory
 d. John didn't buy any pictures of Fred
 e. He likes John's car
 f. John is important to him

Se de (41a-f) é possível derivar (39a-d) e (40a-b), a (a)gramaticalidade destas últimas não será surpresa.

Entretanto, há situações em que o efeito de conectividade falha. Observe o que acontece com uma PCL com duplo objeto em (42):

- (42) a. *What John gave was Mary a book
 b. *What John gave was a book to Mary

Segundo a análise de construções com objeto duplo de Larson (1988), citada por Boskovic, um vestígio do verbo deve estar presente entre os dois objetos, como representado nas estruturas de (43):

- (43) a. John_i [$\text{VP } t_i$ gave_j [$\text{VP } \text{Mary } t_j$ a book]]
 b. John_i [$\text{VP } t_i$ gave_j [$\text{VP } \text{a book } t_j$ to Mary]]

Quando construímos PCLs de (43) o que temos é (44):

- (44) a. *What John_i [_{VP} t_i gave_j was [_{VP} Mary t_j a book]]
 b. *What John_i [_{VP} t_i gave_j was [_{VP} a book t_j to Mary]]

Nas sentenças de (44) o vestígio t_j não é c-comandado pelo verbo *gave*, do que deveria resultar o efeito de conectividade. Entretanto isto não ocorre para salvar as sentenças de (44).

Um outro caso de estrutura com vestígio, agora de DP, que deveria sofrer efeito de conectividade pode ser observado em (45):

- (45) *What John_i seems is [t_i to be crazy]

Em (45) *John_i* não vincula t_i porque pelo menos a condição de c-comando falha. Entretanto, a sentença é agramatical porque viola o princípio A.

2.6.1. A análise para as PCLs ESPs

A análise proposta por Boskovic pretende dar conta, dentre outras coisas, dos fenômenos que se observam nas PCLs ESPs apresentados na seção anterior, ou seja, do efeito de conectividade que atua para deixar (39) gramatical e (40) agramatical e da quebra de conectividade em (44) e (45). As PCLs PREDs, que não mostram efeitos de conectividade, apresentam uma estrutura diferente que será abordada na seção 2.6.2.

Para as PCLs ESPs, é construído um domínio em que a condição de c-comando se verifica. Uma de suas assunções é que a sentença *Wh* e o contrapeso constituem uma única sentença, como representado em (46):

- (46) [What John is [important to himself] is]

Em LF, o contrapeso *important to himself* é movido para a posição de complemento de *is* (exatamente na posição do vestígio de *what*), estratégia que coloca o contrapeso sob o domínio de c-comando de *John*.

Voltemos agora aos exemplos (39a-b). Para as anáforas Boskovic assume que sofrem movimento para I em LF, criando uma relação legítima do tipo vestígio-antecedente, como representamos em (47):

- (47) a. What John himself_i+is important to t_i is
 b. What John himself_i+saw in the mirror t_i was

Desta forma, a anáfora recai sob o domínio de c-comando de *John*, ambos se localizando no mesmo domínio de vinculação.

Para os IPNs é proposto que se movem em LF para uma posição que os licencia, a saber Spec de NegP. Se é isto que acontece em (39d), o resultado vai ser a estrutura representada em (48):

- (48) What [John [NegP *any*_i didn't buy [t_i pictures of Fred] was]]

Em (48), *any* c-comanda seu vestígio e é licenciado na relação Spec-núcleo em NegP.

Para (39c) não é necessário postular movimentos adicionais para o pronome interpretado como variável, como acontece com a anáfora e o IPN. O movimento do contrapeso para a sentença Wh coloca o pronome sob o domínio de c-comando do quantificador *every*.

Aplicando esta análise aos exemplos agramaticais de (40), vemos porque o princípio C está sendo violado em (40a). Como mostra (49a), o movimento do contrapeso para a sentença Wh na LF coloca *John* sob o domínio de c-comando de *he*:

- (49) a. *What [*he*_i likes [*John*'s_i car] is]
 b. *What [*John*_i is [important to *him*_i] is]

Como mostra (49b), o movimento do contrapeso *important to him* ocasiona uma violação do Princípio B porque faz com que *John* c-comande *him*, encontrando-se ambos no mesmo domínio de vinculação.

O que se observa nos exemplos gramaticais é que quando existe relação vestígio-antecedente, ela é criada em LF. Quando esta relação é criada na sintaxe

visível, o resultado será uma sentença agramatical. Tal generalização dá conta do fato de serem agramaticais as estruturas de (44) e (45), aqui repetidas em (50) e (51):

- (50) a. *What John_i [_{VP} *t_i* gave_j was [_{VP} Mary *t_j* a book]]
 b. *What John_i [_{VP} *t_i* gave_j was [_{VP} a book *t_j* to Mary]]
- (51) *What John_i seems is [*t_i* to be crazy]

O efeito de conectividade não se verifica nas estruturas em (50) porque o vestígio do verbo *t_j* em (50) é criado na sintaxe visível. De modo paralelo, é o vestígio visível de *John*, *t_i* em (51), que explica a agramaticalidade desta sentença.

2.6.2. A análise para as PCLs PREDs

A análise das PCLs PREDs é elaborada para dar conta de diferenças que existem entre este tipo de construção e as PCLs ESPs. As PCLs PREDs, ao contrário das ESPs, não apresentam efeito de conectividade. Por isso, não é postulado para elas o movimento do contrapeso em LF para estabelecer as condições de c-comando. Assim, é suposto que a estrutura de uma PRED é como (52):

- (52) [What John ate]_j was [_{NP} *t_i* an apple]

O material pós-cópula *an apple* é um predicado que marca tematicamente a sentença Wh. Adotando a hipótese do sujeito interno ao predicado, a sentença Wh deve ser gerada dentro da projeção máxima do NP *an apple* para ser tematicamente marcada por ele. O material pós-cópula permanece na posição onde é gerado e, sendo um predicado, não tem que receber/checar Caso. A sentença Wh, um argumento, é movida para Spec IP para receber/checar Caso.

Para que esta análise se sustente tem que ser assumido que a expressão Wh é diferente de acordo com a leitura que a PCL recebe. Na leitura PRED, Boskovic assume que a sentença Wh funciona como uma expressão referencial de modo que *what* não

pode ser um constituinte anafórico. Na leitura ESP, por sua vez, *what* tem de ser um anafórico co-indexado com o contrapeso: é isto que obriga o movimento do contrapeso para a posição de predicado (=do vestígio) de *what* em (46). Por não ser anafórica a expressão Wh nas PREDs, o movimento do contrapeso para a o predicado da sentença Wh não pode ser efetuado em LF.

Esta abordagem permite esclarecer por que PCLs inversas podem ter apenas leitura ESP. Assim, a PCL inversa em (53a) somente pode ser interpretada como ESP, pois *proud* é igual a *what* (ocupa o vestígio de *what*). Ao contrário, (53b) é agramatical porque *worthwhile* induz a uma leitura PRED e não pode ser igual a *what* (não pode ocupar o vestígio de *what*), mas a *what John is*. Finalmente, (53c) que sem a inversão seria ambígua entre as duas leituras, tem somente leitura ESP: *an apple* (=what) só pode ser interpretado como DP argumento de *ate*, pois está numa posição de Caso, mas não como predicado de *what John ate*.

- (53) a. Proud is what John is
 b. *Worthwhile is what John is
 c. An apple is what John ate

Higgins (1973 -citado por Boskovic) observa que *be* em PCLs ESPs não pode sofrer inversão sujeito-auxiliar, como nas interrogativas de (54). Assim (54a), que somente pode ter leitura ESP, é rejeitada. Já (54b), que sem a inversão é ambígua entre as leituras PRED e ESP, somente poderá ter leitura PRED:

- (54) a. *Is [what John is] proud
 b. Is [what John is] important

Observe que em (54b) *is* deixa um vestígio em I.

O que também foi observado com o *be* em PCLs ESPs é que ele não pode co-ocorrer com sentenças negativas (55a). A sentença afirmativa correspondente a (55b) é ambígua, mas esta ambigüidade cessa quando se trata de uma negativa: neste caso, a leitura pode ser apenas PRED:

- (55) a. *What John is is not proud of himself
b. What John is is not at all important

Outra característica de *be* da PCLs ESPs é que ele não pode co-ocorrer com sentenças adverbiais (56a), mas é licenciado quando a leitura é PRED (56b):

- (56) a. *What John is is probably proud
b. What John is is probably important

Em resumo, em todos os exemplos agramaticais *be* não pode sofrer movimento.

Um outro fenômeno discutido por Akmajian (1970) e Higgins (1973) foi o da Harmonia do Tempo em PCLs ESPs. Eles observaram que a cópula não tem um valor temporal independente e que este valor é determinado pelo verbo da sentença Wh: para que a leitura ESP apareça é necessário que o tempo da cópula e o tempo do verbo da sentença Wh sejam idênticos. Observe os exemplos de (57) extraídos de Higgins (1973):

- (57) a. What John is is very tall
b. What John was was very tall
c. What John will be is very tall
d. *What John will be will be very tall
e. *What John is will be very tall
f. What John has been is very rude
g. *What John has been has been very rude
h. *What John is has been very rude
i. What John is being is very rude
j. *what John is being is being very rude
k. *What John is is being very rude
l. *What John used to be is very rude
m. What John used to be was very rude
n. What John shouldn't have admitted is that anyone tried to bribe him
o. What John shouldn't have admitted was that anyone tried to bribe him

Nos trabalhos que discutem o INFL bifurcado existe a hipótese de que em inglês deve haver a fusão do T(empo) e Agr(eement) no mesmo nó em sintaxe aberta. Isto indica que os elementos em questão não podem ocorrer independentemente, ou seja, a falta de um implica a falta do outro. Com base nos fatos mostrados em (57), Boskovic sugere que a sentença copular das PCLs ESP não contém Tempo e, conseqüentemente, não tem concordância. Assim, a concordância verificada na sentença copular apresenta traços de concordância *default*, que são traços de 3.p.sg.

Resumindo, para dar conta de um dos fenômenos mais intrigantes verificados nas PCLs ESPs, o *efeito de conectividade*, Boskovic assume que o o material pós cópula é movido para dentro da sentença Wh em LF, substituindo *what*, que é tratado como um constituinte anafórico. Esta análise dá conta também da quebra de conectividade verificada em algumas PCLs ESPs e de outros fenômenos que fazem as PCLs ESPs diferentes das PREDs.

2.7. Kiss (1998,1999)

Kiss (1998) sugere que a construção clivada é a realização de uma projeção funcional chamada *Focus Phrase* (FP), e o constituinte clivado é um tipo de operador ocupando Spec FP, expressando identificação exaustiva.

A noção de FP adotada por Kiss é elaborada por Brody (1990) que afirma que em um tipo de língua que tem uma posição focal invariante, como o húngaro, o foco ocupa o especificador de FP. A posição focal precede imediatamente o verbo flexionado, o que leva Brody a assumir que FP domina imediatamente o VP.

Observe (58). Um verbo como *ette* (comer), que normalmente segue o prefixo verbal *meg* como mostra (58a), o precede na presença de um foco, como vemos em (58b). Isto é explicado pelo movimento do verbo por cima do prefixo verbal:

- (58) a. [_{VP} *meg ette János a levest*]
 comeu János a sopa
 ‘János comeu a sopa’

- b. $[_{FP} A \text{ LEVEST}_i \text{ ette}_j [_{VP} \text{ meg } t_j \text{ János } t_i]]$
 ‘Foi a sopa que János comeu’

Brody conclui que o núcleo F da projeção focal precisa ser lexicalizado por um verbo, o que motiva o movimento de V para F.

A sentença equivalente à do húngaro no inglês é uma CL. Para derivá-la Kiss postula que o núcleo F tem como complemento um CP. Como o complementizador *that* bloqueia o movimento de V para F, F é preenchido pelo verbo expletivo *be*, que é subsequentemente movido para o I da sentença matriz. A estrutura da sentença do inglês seria como (59):

- (59) $[_{IP} \text{ It } [_{I'} \text{ was}_j [_{FP} \text{ the soup}_i [_{F'} t_j [_{CP} t_i [_{C'} \text{ that } [_{IP} \text{ John ate } t_i]]]]]]]]]]$

Brody formula o Critério Focal:

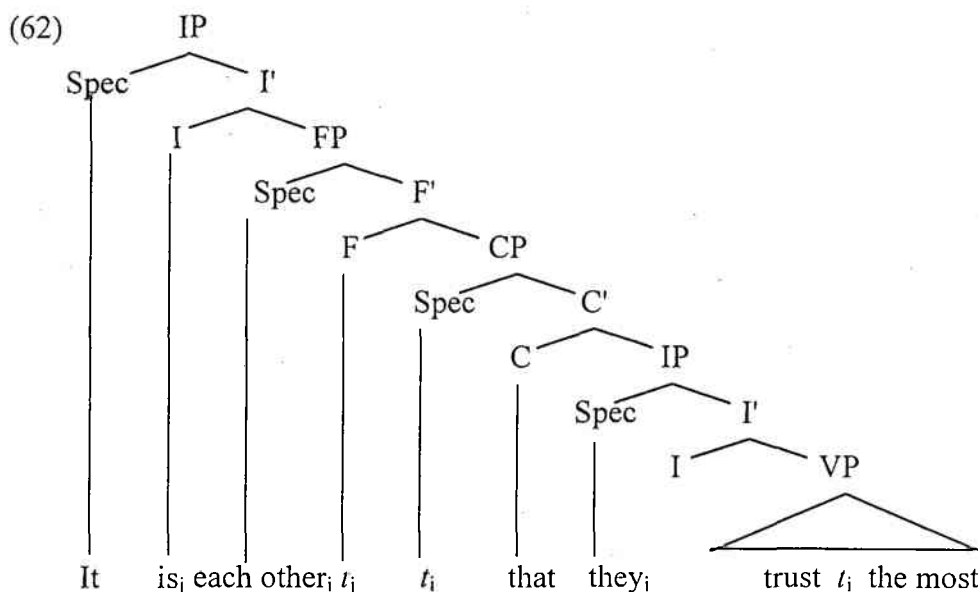
- (60) Critério Focal:
 a. Na SS e na LF um FP deve conter um sintagma [+f].
 b. Na LF todo sintagma [+f] deve estar em um FP.

(60b) implica que mesmo um foco *in situ* deve ser movido para Spec de FP na LF: esta é uma condição universal. Por outro lado, (60a) deixa aberta a possibilidade de existirem línguas em que o movimento ocorra já na SS: o húngaro é uma língua deste tipo.

Kiss (1999) afirma que (60a) deve ser satisfeito nas sentenças do inglês com um foco expressando identificação exaustiva. Este tipo de sentença são as CLs. Ela sugere que se a teoria de Brody for complementada com a suposição de que um núcleo F tem um CP como complemento, então deveremos poder explicar os fenômenos de uma construção clivada como a de (61). Esta difere do padrão somente em que o CP encaixado é dominado por uma projeção FP.

- (61) It is each other_i that they_i trust the most

A estrutura de (61) seria como (62):



O constituinte clivado é originado na sentença encaixada, e é movido ciclicamente para Spec FP via Spec CP. O fato de o vestígio de *each other* ser c-comandado por *they* explica por que este vincula aquele.

O núcleo de FP deve ser lexicalizado por um verbo flexionado em certas línguas, como no caso do húngaro. No entanto, o verbo *trust* não pode lexicalizar F porque ele não sobe em inglês e, mesmo que subisse, a intervenção do complementizador bloquearia o movimento dele para F. O movimento do verbo (e da flexão) não pode cruzar o CP mesmo que o complementizador seja nulo. Então, F é lexicalizado pela cópula *be* que deve carregar os morfemas de concordância e tempo e, para tanto deve ser alçado para I. O Princípio de Projeção Estendida (EPP) requer que Spec IP seja sempre preenchido em inglês e assim ele é ocupado pelo expletivo *it*. Para que haja concordância entre o especificador e o núcleo, *be* estará na terceira pessoa do singular. Este tempo é uma cópia do tempo do verbo da sentença encaixada ou é um presente simples que funciona como *default*.

Nas construções clivadas em que o Spec CP da sentença encaixada é preenchido por um pronome Wh, o constituinte clivado deve ser gerado diretamente em Spec FP, pois o pronome Wh impede a extração do foco. O foco vai estar associado por co-indexação com o vestígio via pronome Wh na sentença encaixada. As CLs que contêm

um complementizador *that*, por outro lado, podem ser derivadas por movimento do foco que tem o Spec de CP como via de escape para o movimento.

Quando o constituinte clivado é o sujeito da sentença encaixada, a estrutura pode somente ser derivada com o foco gerado em Spec FP. Observe os exemplos de (63):

- (63) a. It was me who did it
 b. It was me that did it
 c. *It was me did it

Em (63a), o movimento do foco até Spec FP é bloqueado por subjacência: o pronome *who* em Spec CP impede a passagem ocupando o lugar de pouso intermediário. Em (63b), por outro lado, o movimento do foco é bloqueado pelo ECP: o complementizador *that* em C poderia impedir a regência do vestígio do sujeito pelo vestígio em Spec CP. (63c) é excluída por regras que não licenciam sentenças com sujeito nulo e um complementizador encoberto, tal como (64):

- (64) *We talked about the man came in

O fato de o sujeito clivado ser gerado na base, em Spec FP, explica por que ele não pode ter caso nominativo. No inglês padrão a forma *default* dos pronomes pessoais são *me, you, him, her, it, us them*, formas usadas em posições não marcadas por Caso. Aparentemente, em certos dialetos do inglês o nominativo é a forma *default*; a forma nominativa é usada em Spec FP, como em (65b). Observe (65b) e os demais exemplos extraídos de Akmajian (1970):

- (65) a. It is me who is responsible
 b. It is I who am responsible
 c. *It is me who am responsible
 d. *It is I who is responsible

Em (65a) *me* and *who* formam uma cadeia referencial: *who* é referencialmente dependente de *me*. Dependência referencial é suficiente para licenciar efeito de

conectividade relacionada à ligação (*It is me_i who_i t_i cut myself_i*): aqui, embora *me* c-comande *myself* ele se encontra fora da categoria de regência de *myself*. No entanto, *me* and *who* são distintos quanto a Caso e não podem formar uma cadeia com concordância. Neste dialeto, aparentemente, a falta de diferença do Caso entre os constituintes referenciais é suficiente para licenciar uma cadeia mostrando conectividade quanto à concordância, como acontece em (65b).

Quanto ao PP ocupando Spec FP em construções CLs, como (66), ele é alçado através do Spec CP por movimento do foco — veja que em (66) temos o complementizador *that*:

(66) It was [_{FP} to Peter_i [_{CP} t_i that [_{IP} he spoke t_i]]]

A variante de (66) com o PP *to Peter* gerado em Spec de FP é (67a). (67b) é ilegítima porque o pronome Wh *who*, um NP, é incompatível com o vestígio deixado pelo PP *to Peter* no IP da sentença encaixada. Já (67c) é excluída porque *who* tem traços categoriais que são incompatíveis com o núcleo da cadeia referencial: *to Peter*.

- (67) a. It was [_{FP} to Peter_i [_{CP} to whom_i [_{IP} he spoke t_i]]]
 b. *It was [_{FP} to Peter_i [_{CP} who_i [_{IP} he spoke t_i]]]
 c. * It was [_{FP} to Peter_i [_{CP} who_i [_{IP} he spoke to t_i]]]

Em resumo, a análise acima sustenta que a função semântica de ‘identificação exaustiva’ está associada com Spec FP. Em outras palavras, o constituinte em Spec FP deve ser interpretado semanticamente como o valor de um operador expressando identificação exaustiva. Após analisar línguas como o grego e o húngaro, Kiss (1998) afirma que Spec de FP é a posição estrutural comprometida com identificação exaustiva. Esta não é a situação para o foco *in situ* que pode veicular simplesmente foco de informação.

AS CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS NO PB

3.1. Introdução

Neste capítulo pretendemos analisar as sentenças clivadas e as pseudo-clivadas do PB. A análise proposta será baseada nos textos resenhados no capítulo anterior. Primeiro vamos mostrar qual a leitura semântica que está associada às CLs. Em seguida, veremos como se apresenta a sintaxe das CLs. Finalmente, faremos as mesmas análises com as PCLs.

3.2. As clivadas no PB

3.2.1. Interpretação Semântica

O constituinte clivado é reconhecido por Kiss (1998) como sendo a realização do foco de identificação no inglês. Este foco difere do foco de informação por expressar identificação exaustiva. Nós observamos que as clivadas do PB também devem ser interpretadas como sendo sentenças nas quais o constituinte clivado é um foco que expressa identificação exaustiva. Compare (1a) e (1b):

- (1) a. Foi **o João** que a Maria visitou
 d. A Maria visitou O **JOÃO**

A sentença (1a) é diferente de (1b) porque o foco que se verifica em (1a) expressa identificação exaustiva; isto significa dizer que de um conjunto relevante de indivíduos presentes no domínio do discurso, foi o João que a Maria visitou e ninguém mais. O foco de informação em (1b), por outro lado, apenas mostra o João como a parte não pressuposta da sentença, sem sugerir que o João tenha sido a única pessoa que a Maria visitou.

3.2.2. Estrutura Sintática

A construção CL do PB parece consistir de uma sentença relativa que tem como núcleo o XP precedido ou seguido pela cópula, como em (2):

- (2) a. Foi a Maria que comeu o bolo
b. A Maria é que comeu o bolo

No entanto, um XP que antecede o *que* numa sentença relativa não é interpretado como foco, mas como tópico. (2a) poderia ser concebida como uma relativa, por exemplo, numa situação que respondesse a uma pergunta como *Qual foi a Maria que engordou?* Neste caso *a Maria* em (2a) seria informação velha. Além desta diferença semântica, uma observação que se faz da sentença relativa é que nela não se verificam as seguintes propriedades que caracterizam as construções CLs: concordância da cópula com o CC; harmonia temporal; alternância *que/quem*; efeito de conectividade, dentre outras.

3.2.2.1. Concordância

No PB pode haver concordância entre a cópula e o CC, como se vê em (3):

- (3) a. São estes meninos que brincam com os macacos
b. *?É estes meninos que brincam com os macacos

Nos exemplos de (3), o que parece é que quando o CC é o sujeito da encaixada a concordância se verifica (3a). Se a concordância não é feita a sentença é agramatical (3b).

A situação é contrária quando o CC não é o sujeito:

- (4) a. *?São estes meninos que a Maria leva ao zoo
b. É estes meninos que a Maria leva ao zoo

Observa-se agora que a sentença (4a) que tem concordância é que é agramatical. Por sua vez, a sentença (4b) onde não há concordância é gramatical.

Nas sentenças CLs em que o CC aparece antes da cópula temos a situação em (5):

- (5) a. *?Estes meninos são que jogam bola
b. Estes meninos é que jogam bola

Quando o CC aparece antes da cópula a concordância não é possível e nesse caso, ser o sujeito da sentença encaixada não é suficiente para desencadear concordância. Para haver concordância, o sujeito tem que ficar depois da cópula.

3.2.2.2. Tempo

As CLs apresentam harmonia entre o tempo da cópula e o tempo da verbo da encaixada. Desta forma, se a cópula aparece no presente, este também vai ser o tempo do verbo da sentença encaixada, como mostra (6):

- (6) a. É o João que mora em Florianópolis
b. Foi o João que morou em Florianópolis
c. Era o João que morava em Florianópolis

Certos tipos de desarmonia acarretam a agramaticalidade da sentença, como aparece em (7):

- (7)
- a. *Foi o João que mora em Florianópolis
 - b. *Foi o João que morava em Florianópolis
 - c. *Era o João que mora em Florianópolis*
 - d. *Era o João que morou em Florianópolis

Entretanto, quando a cópula está no presente, o verbo da encaixada pode estar em qualquer tempo, como vemos em (8):

- (8)
- a. É o João que mora em Florianópolis
 - b. É o João que morou em Florianópolis
 - c. É o João que morava em Florianópolis

A cópula no presente faz com que a harmonia temporal desapareça. Assim, o presente parece funcionar como um tempo *default*. Ao contrário, os outros tempos exigem harmonia temporal entre a cópula e o verbo encaixado.

Se o CC aparece antes da cópula a harmonia temporal também cessa e a cópula deve estar no presente, independente do tempo do verbo encaixado, como mostram (9) e (10):

- (9)
- a. O João é que trabalha na UFSC
 - b. O João é que trabalhou na UFSC
 - c. O João é que trabalhava na UFSC
- (10)
- a. *O João foi que trabalhou na UFSC
 - b. *O João era que trabalhava na UFSC

O fato de o constituinte aparecer antes da cópula produz um efeito paralelo tanto no que diz respeito ao tempo quanto no que diz respeito à concordância: a harmonia de tempo e a concordância não se verificam.

3.2.2.3. Alternância *que/quem*

Nas CLs do PB é possível a alternância entre o complementizador *que* e o elemento Wh *quem*, como em (11):

- (11) Foi o João *que/quem* beijou a Maria

No entanto, observando como se dá esta alternância, verificamos que o complementizador *que* pode figurar em qualquer construção CL. Já para que o elemento Wh *quem* possa aparecer nas CLs as seguintes condições parecem ser necessárias:

- (12) a. o CC seja o sujeito da sentença encaixada;
b. o CC seja [+ humano];
c. o CC apareça depois da cópula.

Os exemplos de (13) podem ser contrastados com os de (14):

- (13) a. Foi a Maria quem feriu o João
b. *Foi o João quem a Maria feriu
c. *Foi o terremoto o que assustou o João
d. *Foi o cachorro o que assustou o João
e. *?Eu é quem comprou o carro

- (14) a. Foi a Maria que feriu o João
b. Foi o João que a Maria feriu
c. Foi o terremoto que assustou o João
d. Foi o cachorro que assustou o João

Somente (13a) atende as condições de (12) e é gramatical. Nos demais exemplos de (13) uma ou mais condições são desrespeitadas e as sentenças são excluídas: em (13b) mesmo sendo o CC compatível em traços com *quem* [+humano] ele não respeita a condição (a) de (12), pois não é o sujeito da encaixada, mas sim o complemento; (13c,d)

violam a condição (b); (13e) mesmo respeitando as condições (a) e (b) de (12) não respeita a condição (c) e por isso é excluída.

Outra curiosidade que verificamos na alternância *que/quem* é que ela parece determinar alguns fenômenos de concordância do verbo da sentença encaixada e da cópula com o CC:

- (15) a. Fui eu que fiz o trabalho
b. *Fui eu que fez o trabalho

- (16) a. *Fui eu quem fiz o trabalho
b. Fui eu quem fez o trabalho

Os exemplos acima mostram que quando temos CLs com *que* a concordância do verbo da encaixada com o CC se faz necessária para que a sentença seja gramatical (15a). Quando a concordância não se efetua a sentença é excluída (15b). Por outro lado, quando temos CLs com *quem* o verbo da sentença encaixada não pode concordar com o CC para que a sentença seja gramatical (16b). Se há concordância a sentença é agramatical (16a).

3.2.2.4. Efeito de conectividade

As sentenças CLs exibem efeito de conectividade, como vemos em (17):

- (17) Foi uma pintura dela mesma; que Maria; deu para o Pedro

O CC contém a anáfora *ela mesma* que tem como antecedente *Maria*. Ocorre, porém, que *Maria* não c-comanda a anáfora, o que deveria fazer com que a sentença fosse excluída. Apesar da falta de c-comando, a sentença é gramatical.

3.2.2.5. Restrições para clivagem

A clivagem é um processo que afeta apenas constituintes inteiros, de modo que é impossível clivar segmentos de constituinte:

- (18) a. *Foi uma camisa_i que ela comprou [DP *ec*_i azul]
b. Foi uma camisa azul que ela comprou

(18a) é agramatical porque, como a *ec* no DP mostra, *uma camisa* faz parte do constituinte *uma camisa azul* e portanto não pode ser movido.

Observe, por outro lado, que (19) é uma sentença ambígua:

- (19) Os alunos acharam [XP o caminho fácil]

(19) é ambígua porque não sabemos se o XP *o caminho fácil* é um só constituinte ou não, como nos mostram Franchi *et alii* (1998) e Mioto *et alii* (1999). Se é um só constituinte, então XP é igual DP e a clivagem vai produzir (20a), sentença que não é mais ambígua:

- (20) a. Foi o caminho fácil_i que os alunos acharam *ec*_i
b. Foi o caminho_i que os alunos acharam *ec*_i fácil

Desta forma (19) poderia ser parafraseada por *os alunos acharam o caminho que era fácil*. Se o XP é um constituinte do tipo *small clause*, então *fácil* não vai fazer parte do DP que se reduz a *o caminho*. Neste caso, a clivagem produz (20b), que também não é ambígua e pode ser parafraseada por *os alunos acharam que o caminho era fácil*.

Estabelecido que só constituintes podem ser clivados, observamos que DPs e PPs não enfrentam nenhuma restrição para a clivagem, como vemos em (21):

- (21) a. Foi o João que pintou a casa
b. Foi para a Maria que o João deu o presente

Ao mesmo tempo, observamos que a clivagem de APs (22), AdvPs (23) e VPs (24), não ocorre comodamente no PB:

(22) ??É bastante infeliz que o João é

(23) ??Foi explicitamente que ele apoiou as propostas

(24) a. ??Foi comprar um carro novo que eu procurei
b. ??Foi você pedir dinheiro para a Maria que eu escutei¹⁴

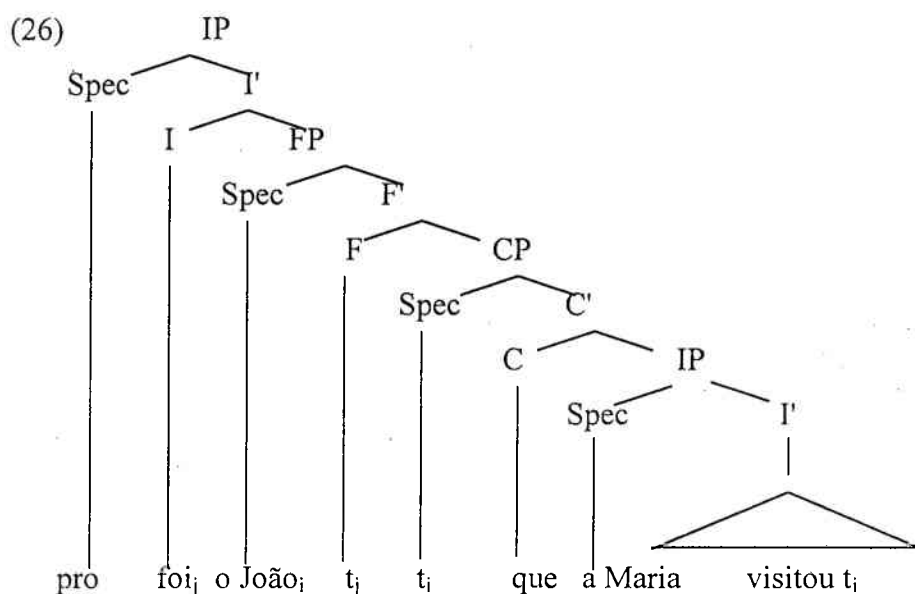
O CC também não pode ser um quantificador universal, ou partículas aditivas como ‘até’, ou ‘também’ (exceto num contexto especial (25d)):

(25) a. *Foi todo mundo que João convidou.
b. *Foi até Maria que João convidou.
c. A: — João convidou quase todo mundo
B: — *Sim. Foi também a Maria que ele convidou
d. A: — João convidou somente a Vera para a festa
B: — Não. Foi também a Maria que ele convidou

3.2.3. Análise

No capítulo II apresentamos a estrutura que Kiss (1998) postula para uma CL do inglês. Se a adotamos para representar uma CL do PB teremos (26):

¹⁴ Por haver algumas dúvidas sobre a aceitação ou não das construções (22-24), consultamos algumas pessoas, não lingüistas, para nos apoiarmos em suas opiniões. A maioria dos consultados afirmou que as sentenças eram meio estranhas, por isso resolvemos encará-las da mesma forma.



O primeiro detalhe que ressalta desta adoção é o *pro* expletivo que aparece no Spec do IP, já que o PB é uma língua de (pelo menos sujeito expletivo) nulo. O outro é que a cópula é gerada como núcleo de FP que contém o traço [+f] contra o qual o CC vai checar os traços de foco.

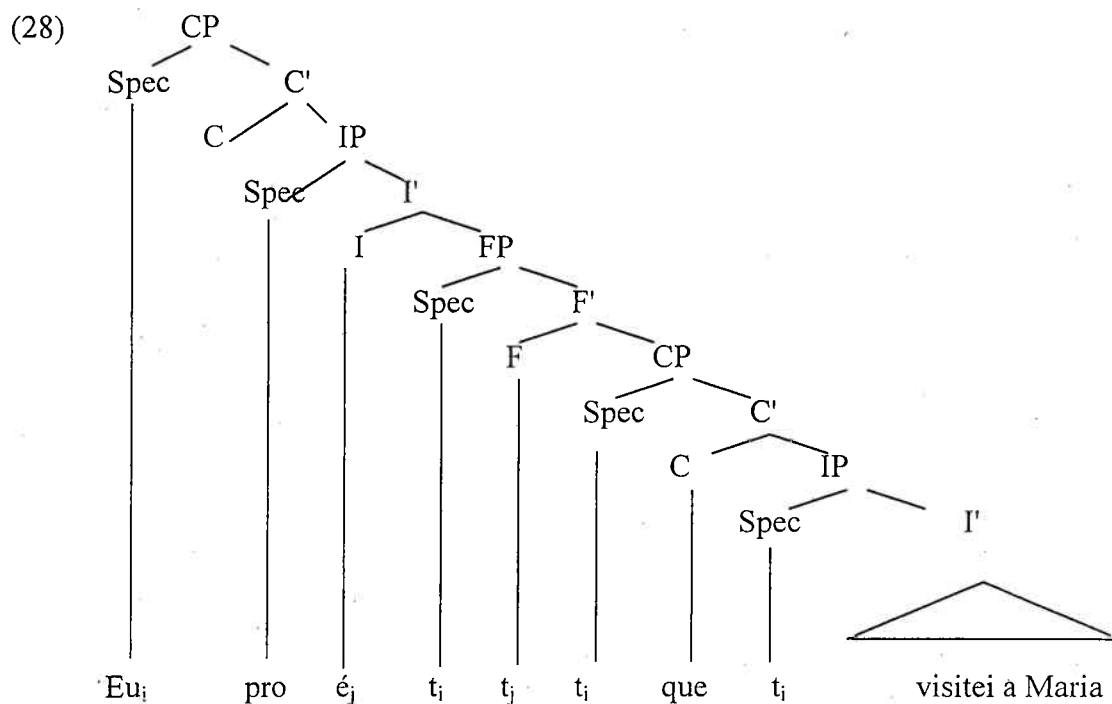
Há dois movimentos que devem ser destacados. O primeiro movimento é o que leva a cópula para o I matriz. O segundo movimento é o que leva o foco para Spec FP. Este segundo movimento é o do tipo quantificacional: o XP em Spec de FP é um operador que vincula uma variável na sentença encaixada. Desta relação é que nasce a interpretação exaustiva que está associada ao CC.

Que a derivação ilustrada em (26) é por movimento pode ser comprovado por (27):

- (27) a. O menino que beliscou a Maria saiu correndo
 b. * Foi a Maria_i que o menino [que beliscou ec_i] saiu correndo

(27b) é agramatical porque não é possível extrair algo como *a Maria* de uma ilha relativa, como aponta Modesto (1995).

A estrutura para uma CL com o CC antecedendo a cópula seria como (28):

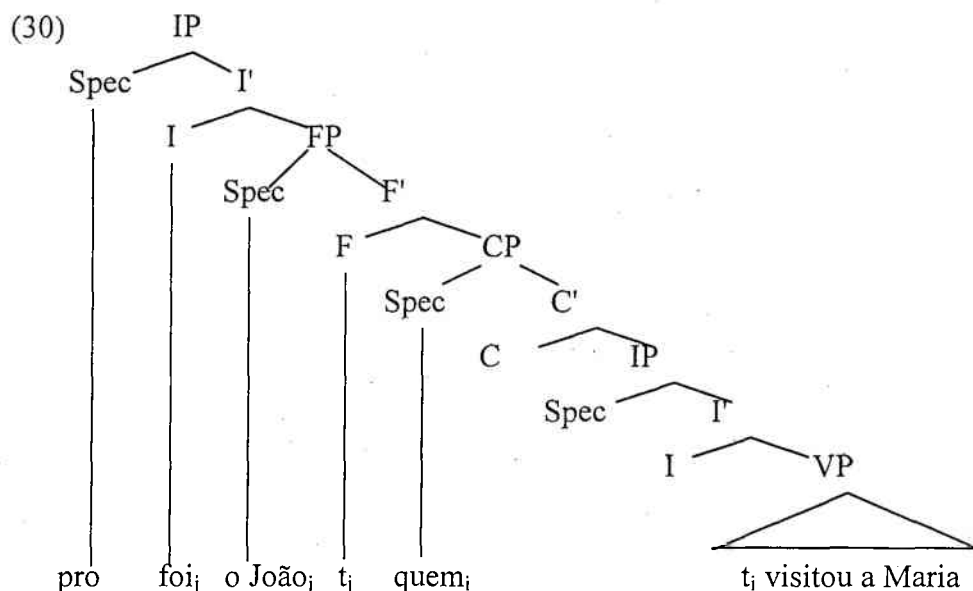


O que está implicado em (28) é que houve um movimento adicional do CC de Spec FP para Spec CP matriz.

Uma CL como (29) também teria a estrutura (28). A diferença é que em (29) a cópula é suprimida:

(29) Eu_i [_{Cop} é] que ec_i visitei a Maria

Para as CLs com *quem* a estrutura de Kiss adaptada para o PB seria como (30):

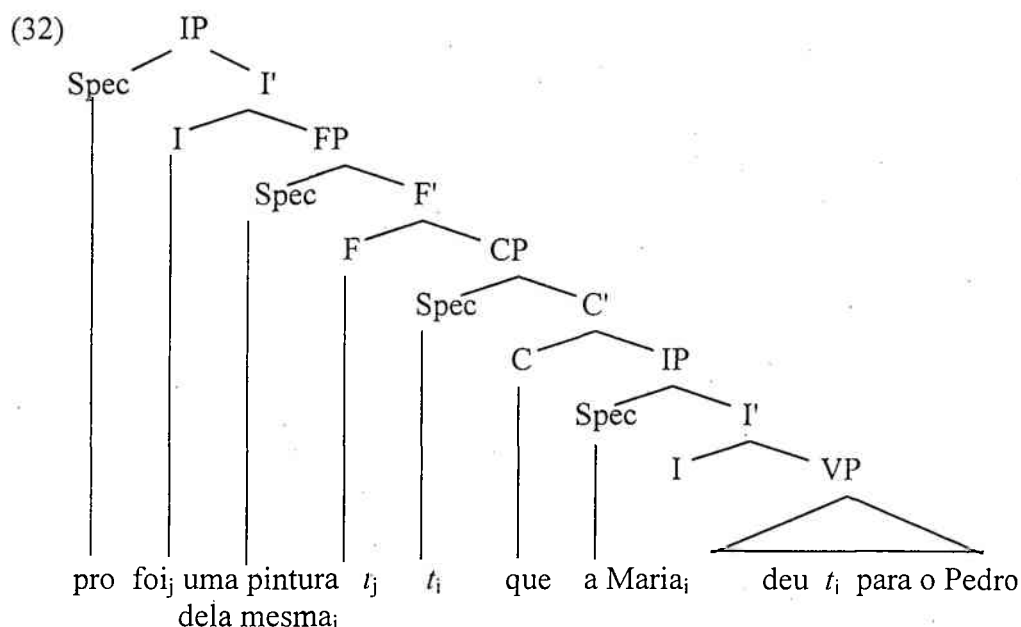


Em (30) o constituinte clivado é gerado diretamente em Spec FP, pois o pronome Wh *quem* impede a extração do foco. O foco vai estar associado por co-indexação com o vestígio via pronome Wh na sentença encaixada. Em (30), ao contrário de (26) o Spec do CP está preenchido com *quem*, o que impede o movimento cíclico do CC.

A análise proposta por Kiss permite dar conta do efeito de conectividade verificado numa construção clivada como (17), repetida em (31):

(31) Foi uma pintura dela mesma_i que Maria_i deu para o Pedro

A gramaticalidade de (31), que tem uma anáfora numa posição que viola o princípio A da Teoria da Ligação, somente pode ser explicada pela reconstrução que esta deve sofrer para o seu lugar de origem. Isso é o que podemos verificar na estrutura (32):



Em (32) vemos que o vestígio de (*uma pintura d*)*ela mesma* é c-comandado por *a Maria*. Isto explica por que *a Maria* pode estar vinculada à anáfora.

O PB põe alguns problemas para a análise de Kiss. O primeiro problema verificado é o da concordância da cópula com o CC, como em (33):

(33) Fui eu que comprei o caderno

No inglês este problema não se verifica porque a cópula concorda com o expletivo *it* que está em Spec IP. Mas no PB a cópula concorda com o CC que, em princípio, está numa posição A-barrá que não conta como instância adequada para concordância de número e pessoa. Na estrutura (28) este problema não se verifica pois a cópula não concorda com o CC.

Em (30) também não há problema de concordância na sentença encaixada porque o verbo tem como argumento externo *quem* e não o CC que é gerado em Spec de FP.

Um problema verificado no inglês que parece não acontecer no PB é que em CLs com *that* nas quais o CC é o sujeito este também deve ser gerado em Spec FP. Isto se deve aos efeitos do filtro *that-t*. Este faz com que o movimento do foco seja bloqueado pelo ECP: o complementizador *that* em C impede a regência do vestígio do sujeito pelo vestígio em Spec CP.

Um fenômeno parecido acontece no francês, como mostra (34):

- (34) a. C'est Jean_i qui_i/*que ec_i a acheté la voiture
 'Foi o João que/quem comprou o carro'
 b. C'est Jean_i *qui/que Marie a vue ec_i
 'Foi o João que a Maria viu'

Nas CLs do francês sempre que o CC é o sujeito da encaixada este deve ser gerado em Spec FP porque sempre figura em sua construção o elemento Wh *qui*. No inglês *who* e *that* são liberados. Já no PB para que o CC seja gerado em Spec FP é necessário que a sentença seja construída com *quem*. Em vista de esta construção ocorrer em contextos extremamente restritos, podemos fazer a hipótese de que *quem* é algum resquício do filtro *that-t*, muito parecido com a alternância *que/qui* do francês.

A análise de Kiss pode ser comparada com a de Modesto(1995). Ambos recorrem ao movimento para desencadear a leitura de clivagem. A diferença na análise do movimento que o CC sofre é que para Kiss ele se move para Spec FP; para Modesto o movimento do CC se dá para Spec CP.

3.3. As Pseudo-Clivadas no PB

3.3.1. Interpretação Semântica

A análise semântica das PCLs apresentadas no capítulo I nos permitiu verificar que diferentemente do que acontece nas CLs, o tipo de foco envolvido nas PCLs pode ou não ter leitura exaustiva. O que permite tirar esta conclusão é o fato de uma PCL poder responder a uma pergunta ordinária, como afirma Zubizarreta (1998). Desta forma, o foco de uma PCL é confundido com o não-contrastivo ou de informação. Observe (35):

- (35) O que o João comprou foi um carro
 [O que o João comprou?]

Outra característica semântica das PCLs é que algumas dessas construções podem ser ambíguas entre duas leituras: a PRED e a ESP. Observe (36):

(36) O que o José é é escandaloso

Se a leitura for PRED, *escandaloso* estará predicando sobre algo que José é, mas não a José diretamente; se a leitura for ESP, *escandaloso* será um predicado do José.

A seleção dos adjetivos também pode determinar que tipo de leitura a PCL apresenta, assim (37a) poderá somente ter leitura ESP e (37b) somente PRED:

- (37) a. O que a Maria é é orgulhosa
b. O que a Maria é é lucrativo

Em (37a) a concordância de feminino revela também que só a leitura ESP é possível; de modo paralelo, a concordância de masculino mostra que só a leitura PRED está disponível em (37b).

3.3.2. Estrutura Sintática: Análise

As PCLs têm a forma: *relativa livre+ser+constituente focalizado*, tal como aparece na sentença (38):

(38) O que o João é é importante

O que vamos fazer é verificar se as PCLs do PB podem ser analisadas a partir da proposta de Boskovic (1998). Para tanto, é preciso considerar primeiro que (38) é uma sentença ambígua e essa ambigüidade vai ser expressa por duas estruturas diferentes.

A leitura PRED de (38) provém de uma estrutura como (39):

(39) [O que o João é]_i é [_{SC} t_i importante]

Assumimos que o verbo *ser* seleciona uma SC que tem como sujeito a sentença Wh e como predicado *importante*. Para checar seu caso a sentença Wh sobe na sintaxe visível para Spec de IP produzindo a ordem linear de (38).

(40) O que o João_i é é importante para ele_i

(40) é uma sentença gramatical porque o pronome *ele* não é c-comandado por *o João*, como podemos verificar na estrutura (41). Esta condição somente se verifica porque temos uma sentença em que a única leitura possível é a PRED.

(41) [O que o João é]_i é [_{SC} t_i importante para ele]

Como vimos no capítulo anterior, o movimento do contrapeso por cima da sentença Wh não é possível com PCLs PREDs. Se uma sentença como (40) só pode ter interpretação PRED, a previsão é de que (42) é uma sentença agramatical.

(42) *Importante para ele_i é o que o João_i é

A leitura ESP de (38) provém de uma estrutura em LF como (43):

(43) [O que o João é [importante]_i é ec_i]

O contrapeso *importante* é movido para a posição do vestígio da expressão Wh e recai sob o domínio de c-comando de *o João*. O mesmo acontece com uma sentença como (44):

(44) O que o João é é importante para ele mesmo

Em (44), o contrapeso contém uma anáfora. Com o movimento em LF, a anáfora recai sob o domínio de c-comando de *o João*, como mostra a estrutura (45):

(45) [O que o João é [importante para ele mesmo]_i] é [ec_i]

Ao contrário do que se verifica nas PCLs PREDs, as PCLs ESPs podem apresentar uma inversão em que o contrapeso está situado na posição de sujeito e a sentença Wh segue a cópula. Assim, a previsão agora é que, em contraste com (42), (46) é gramatical pois esta só pode ser uma PCL ESP:

(46) Importante para ele mesmo é o que o João é

A análise de Boskovic pode ser comparada com a de Modesto (1995). Ambos recorrem ao movimento, mas o fazem de modo diferente. O movimento para Boskovic é um recurso para resolver problemas estruturais da sentença, como c-comando e checagem de Caso. A sentença Wh sobe para Spec IP nas PREDs para checar Caso na sintaxe visível; e o contrapeso sobe para posição vestígio do elemento Wh em LF nas ESPs para estabelecer o c-comando apropriado. Nenhum dos dois movimentos é para gerar leitura focal ou desencadear leitura de clivagem.

Por outro lado, Modesto recorre a dois movimentos: um para posição A para checagem de Caso, outro para posição A' para desencadear leitura de clivagem. O problema com o segundo tipo de movimento é que às vezes a coisa movida é o CC e às vezes é a relativa livre. Se podemos ler leitura de clivagem como leitura focal, fica estranho que ora se move o que é o foco da sentença, ora aquilo que veicula a informação velha.

Além disto, Modesto estende o conceito de clivagem a ponto de considerar como PCLs sentenças que envolvem leitura focal mas não apresentam a forma característica de PCL:

(47) A conta pago eu

Como este trabalho tem sua abordagem restrita às PCLs definidas no capítulo 1, preferimos adotar a análise de Boskovic.

Sugerimos no capítulo I, que a PCL poderia ter, além da forma canônica, a forma em que o elemento Wh é suprimido. Consideremos (48):

- (48) a. O que o João é é importante
b. O João é é importante

Enquanto (48a) é ambígua, (48b) somente apresenta a leitura ESP. A prova pode ser formulada a partir de (49):

- (49) a. *A Maria é é escandaloso
b. A Maria é é escandalosa

A concordância demonstra que a única leitura disponível para uma PCL sem a expressão Wh é a ESP. Sem a concordância a leitura teria de ser PRED, mas a sentença é agramatical.

Além disso, ressaltamos os fenômenos em (50):

- (50) a. *O João_i é é importante para ele_i
b. O João é é importante para ele mesmo

Por que (50a) é agramatical e (50b) é gramatical? Porque (50a) só poderia ter leitura PRED com o pronome co-referencial com *o João*. Como a supressão da expressão Wh implica a leitura ESP, fica explicada a agramaticalidade de (50a) e a gramaticalidade de (50b).

A análise de Boskovic concorre diretamente para explicar estes fenômenos. Recordemos que nas PCLs PREDs a sentença Wh é uma expressão referencial em que o vestígio da expressão Wh não pode ser ocupado pelo contrapeso, o que bloqueia o seu movimento. Como tal, a expressão Wh não pode ser suprimida. Já nas ESPs, o elemento Wh tem caráter anafórico e pode ser suprimido em LF porque tem a mesma interpretação do contrapeso: em (48a), *o que* = *importante*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou, com base na Teoria Gerativa, analisar as sentenças CLs e PCLs no PB. Vimos que as CLs do PB apresentam a seguinte seqüência de elementos [o verbo *ser* + XP + *que...*] ou [XP + *ser* + *que...*]. Estas construções podem ser visualizadas em sentenças como: *Foi o João que beijou a Maria* e *O João foi que beijou a Maria*. Nestas sentenças o XP *o João* é interpretado como foco. Vimos também que as seqüências acima não são suficientes para caracterizar uma CL uma vez que uma sentença como *Foi UMA PENA que João estivesse ausente* apresenta uma seqüência idêntica à de uma CL, mas não pode ser assim identificada. Nesta sentença o XP *uma pena* não é interpretado como foco.

A análise das CLs demonstrou que este tipo de estrutura é a realização de uma projeção focal chamada *focus phrase* (FP) e o CC é um operador focal ocupando Spec FP expressando identificação exaustiva.

Além da identificação do CC como sendo um foco com características especiais, a análise das CLs permitiu observar que estas construções apresentam algumas propriedades que lhes são peculiares: as CLs dispõem restrições quanto ao tipo de elemento que pode ser focalizado, por exemplo, um CC não pode ser um quantificador universal ou partículas aditivas como ‘até’, ‘também’. Outra característica verificada nas CLs é que o CC forma uma cadeia com um vestígio correspondente na sentença encaixada que dispara efeito de conectividade. Verificamos também que é possível a alternância *que/quem* nas CLs do PB, porém, vimos que *quem* somente pode aparecer em contextos muito restritos. Em vista disso, e baseados nos dados do inglês e do francês, pudemos fazer a hipótese de que *quem* é algum resquício do filtro *that-t*, muito parecido com a alternância *que/qui* do francês.

A análise proposta para as PCLs permitiu estabelecer que os principais fenômenos verificados nestas construções estão diretamente relacionados às PCLs ESPs. Nas PCLs ESPs, o elemento Wh tem caráter anafórico e pode ser suprimido em LF porque tem a mesma interpretação do contrapeso. Este fato dá conta não somente do efeito de conectividade que acontece somente nas PCLs ESPs, como também permite estabelecer claramente as diferenças entre PCLs ESPs e PREDs.

Finalizamos observando que o estudo sobre as CLs e PCLs do PB pode ser aprofundado, uma vez que muitas questões sobre o assunto ainda não têm resposta, por exemplo, com a análise das CLs não nos foi possível esclarecer porque no PB há concordância da cópula com o CC. Além disto, e mesmo nos valendo da proposta de Boskovic para a análise das PCLs, a sugestão de que o elemento Wh nas PCLs ESPs possa ser suprimido não nos ficou muito clara. Por isso, acreditamos ser interessante que as pesquisas sobre essas construções continuem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKMAJIAN, A. (1970) "On deriving cleft sentences from pseudo-cleft sentences." *Linguistic Inquiry* 1, 149-168.

BOSKOVIC, Z. (1997) "Pseudo-clefts." *Studia Linguistica* 51(3), 235-277.

BRODY, M. (1990) "Some Remarks on the Focus Field in Hungarian." *University College London Working Papers in Linguistics* 2. 201-225.

CHOMSKY, N. (1971) "Deep structure, surface structure and semantic interpretation." In D. Steinberg and L. Jakobovits, eds., *Semantics: An interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*, 183-213. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (1977) "On Wh-movement." *Formal Syntax* ed. by Peter Culicover, Thomas Wasow & Adrian Akmajian, 71-132. New York: Academic Press.

CINQUE, G. (1990) *Types of A'-dependencies*. MIT Press, Cambridge, Massachusetts.

EMONDS, J. (1976) *A Transformational Approach to English Syntax*. New York: Academic Press.

FRANCHI, C., NEGRÃO, E. V. & MÜLLER, A. L (1998) *Um exemplo de análise e de argumentação em sintaxe*. Revista da ANPOLL, 5, p. 37-63, jul./dez.

HEYCOCK, C. & KROCH, A. (1998) "Pseudo-cleft connectedness: Implications for the LF interface level." To appear in *Linguistic Inquiry*.

HIGGINS, F. R. (1973) *The Pseudo-Cleft Construction in English*. Dissertação de Ph.D. MIT.

JACKENDORF, R. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, Cambridge, Ma.: MIT Press.

KISS, K. É. (1998a) "Identificational Focus versus Information Focus." *Language* 74:2.
 _____. (1999b). "The English Cleft Construction as a Focus Phrase." *Current Issues in Linguistic Theory*. Lunella Mereau (ed.).

LASNIK, H. (1976) *Remarks on coreference*. LA 2.1-22.

MIOTO, C. (1999) "CP no PB." Manuscrito não publicado.

MIOTO, C., SILVA, M. C. F. & LOPES, R. E. V. (1999) "Manual de Sintaxe." Florianópolis. Editora Insular.

MODESTO, M. (1995) "As Construções Clivadas no Português do Brasil: Relações entre Interpretação Focal, Movimento Sintático e Prosódia." Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo.

MORO, A. (1997) *The raising of Predicates: Predicative Noun Phrases and the Theory of Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

MOURA, H. M. M. (1999) "Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática." Florianópolis. Editora Insular.

POLLOCK, J. Y. (1989) "Verb Movement, UG and the Structure of IP". *Linguistic Inquiry* 20, 365-424.

PRINCE, E. F. (1978) "A Comparison of Wh-clefts and It-clefts in Discourse." *Language* 54:4, 883-906.

RAPOSO, E. P. (1992) "Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem." Lisboa. Editorial Caminho.

- SHIRER, W. L. (1960) *The rise and fall of the Third Reich*. New York: Simon & Schuster.
- SZABOLCSI, A. (1981) "The Semantics of Topic-Focus Articulation." *Formal Methods in the Study of Language* ed. by Jan Groenendijk et al., 513-541. Amsterdam: Mathematisch Centrum.
- WILLIAMS, E. (1990) "Pseudo-clefts and the order of the logic in English." *Linguistic Inquiry* 21, 485-489.
- WILSON, D. & SPERBER, D. (1979) "Ordered Entailments: An Alternative to Presuppositional Theories." In C-K Oh and D. Dinneen *Presupposition: Syntax and Semantics*, vol. 11, New York: Academic Press.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1997) "Prosody, Focus and Word Order." To be published by M.I.T. Press.